

O livro do ano, segundo  
a revista *Preaching*

# Supremacia de Deus na pregação

*Teologia,  
estratégia e  
espiritualidade  
do Ministério  
de Púlpito*

Shedd  
publicações

John Piper

“Um poderoso estimulante para pregadores”.

*J.I. Packer*

---

“Pessoas estão morrendo famintas da grandeza de Deus, mas muitas delas não fariam este diagnóstico de suas vidas perturbadas. A majestade de Deus é uma cura desconhecida. Há prescrições muito mais populares no mercado, mas o benefício de qualquer outro remédio é sumário e pouco profundo. A pregação que não contém a grandeza de Deus pode entreter por algum tempo, mas não tocará o clamor secreto da alma: ‘Mostra-me a sua glória!’”.

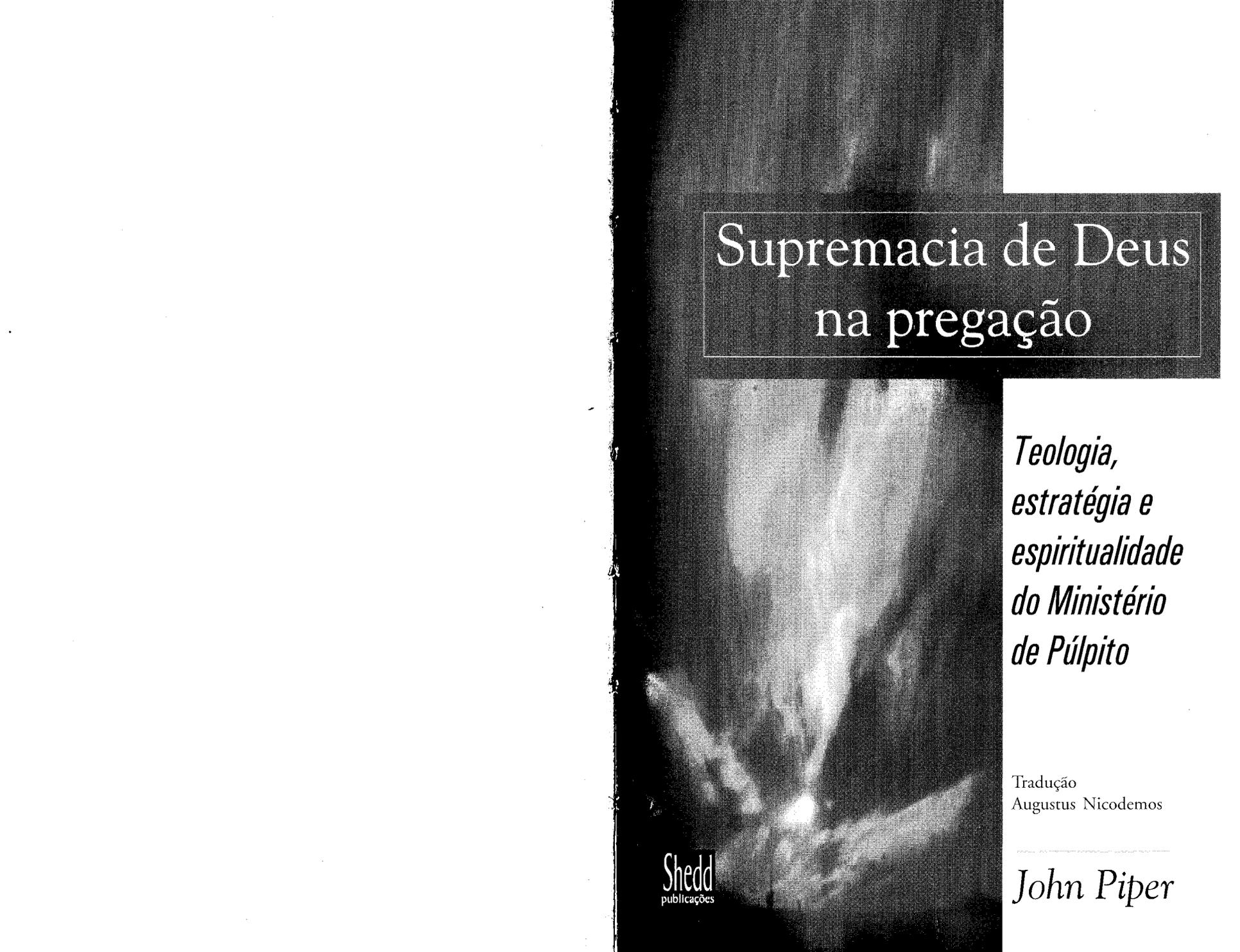
*John Piper*

**Shedd**  
publicações

ISBN: 85-88315-21-1



Categoria: Teologia Pastoral



Supremacia de Deus  
na pregação

*Teologia,  
estratégia e  
espiritualidade  
do Ministério  
de Púlpito*

Tradução  
Augustus Nicodemos

*John Piper*

Shedd  
publicações

Copyright © 1990 de Baker Books

Título do original: *The supremacy of God in preaching*  
de Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company,  
Grand Rapids, Michigan, 49516, USA.

1ª Edição - Agosto de 2003

Publicado no Brasil com a devida autorização  
e com todos os direitos reservados por  
SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME  
Rua São Nazário, 30, Sto Amaro  
São Paulo-SP - 04741-150

DISTRIBUIÇÃO: EDIÇÕES VIDA NOVA  
Tel.: (0xx11) 5666-1911

Proibida a reprodução por quaisquer  
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,  
fotográficos, gravação, estocagem em banco de  
dados, etc.), a não ser em citações breves  
com indicação de fonte.

*Printed in Brazil / Impresso no Brasil*

ISBN 85-88315-21-1

TRADUÇÃO: Augustus Nicodemos  
REVISÃO: Ruth Hayashi Yamamoto  
DIAGRAMAÇÃO: Edmilson F. Bizerra

**MAZINHO RODRIGUES**

*Ao povo da  
Igreja Batista Bethlehem*

*que compartilha a visão de supremacia de Deus  
e vive  
para saborear esta visão em adoração,  
fortalecê-la na educação,  
e propagá-la a todas as nações  
em nome de  
Jesus Cristo, nosso Senhor.*

Parte 1: “*A Supremacia de Deus na Pregação*”  
 Palestras *The Harold John Ockenga* sobre Pregação  
 Gordon-Conwell Theological Seminary, 1988

Parte 2: “*Doce Soberania: A Supremacia de Deus na Pregação  
 de Jonathan Edwards*”  
 The Billy Graham Center palestras sobre Pregação  
 Wheaton College, 1984

Prefácio ..... 9

### Parte 1

Por que Deus Deveria Ser Supremo na Pregação ..... 15  
 1 .O alvo da Pregação: *A Glória de Deus* ..... 17  
 2 .A Base da Pregação: *A Cruz de Cristo* ..... 27  
 3 .O Dom da Pregação: *O Poder do Espírito Santo* ..... 35  
 4 .Seriedade e Alegria na Pregação ..... 45

### Parte 2

Como Tornar Deus Supremo na Pregação ..... 63  
*Orientações do Ministério de Jonathan Edwards* ..... 65  
 5 .Mantenha Deus no Centro: *A Vida de Edwards* ..... 67  
 6 .Submeta-se à Doce Soberania: *A Teologia de Edwards* ..... 75  
 7 .Torne Deus Supremo: *A Pregação de Edwards* ..... 81  
**Desperte sentimentos santos** ..... 81  
**Ilumine a mente** ..... 84  
**Sature com as Escrituras** ..... 86  
**Empregue analogias e imagens** ..... 88  
**Use ameaças e advertências** ..... 89  
**Peça uma resposta** ..... 92  
**Sonde as operações do coração** ..... 94  
**Submeta-se ao Espírito Santo em oração** ..... 97  
**Tenha um coração quebrantado e compassivo** ..... 98  
**Seja Intenso** ..... 101

Conclusão ..... 105



Pessoas estão morrendo famintas da grandeza de Deus, mas muitas delas não fariam este diagnóstico de suas vidas perturbadas. A majestade de Deus é uma cura desconhecida. Há prescrições muito mais populares no mercado, mas o benefício de qualquer outro remédio é sumário e pouco profundo. A pregação que não contém a grandeza de Deus pode entreter por algum tempo, mas não tocará o clamor secreto da alma: “Mostra-me a sua glória!”.

Anos passados, durante a semana de oração de janeiro em nossa igreja, decidi pregar com base em Isaías 6, sobre a santidade de Deus. Resolvi, no primeiro domingo do ano, desenvolver a visão da santidade de Deus que se acha nos primeiros versos deste capítulo:

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: ‘Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória’. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.

Assim, preguei sobre a santidade de Deus e fiz o melhor que pude para expor a majestade e a glória de um Deus tão grande e santo. Não dei nem uma palavra de aplicação na vida das pessoas. A aplicação é essencial no andamento normal de uma pregação, mas naquele dia me senti guiado a fazer um teste: será que o retrato apaixonante da grandeza de Deus iria, por si só, satisfazer as necessidades do povo?

Eu não sabia que, pouco antes deste domingo, uma das famílias jovens de nossa igreja havia descoberto que seus filhos estavam sendo abusados sexualmente por um parente próximo. Era indescritivelmente traumático. Eles estavam ali, naquela manhã, escutando a mensagem. Estou curioso por saber quantos, dos que costumam nos aconselhar, a nós pastores, hoje em dia, diriam: “Pastor Piper, não vê que seu povo está ferido? Será que você não pode descer dos céus e ser mais prático? Não percebe que tipo de povo está à sua frente no domingo?” Algumas semanas mais tarde eu soube da história. O marido me levou a um lugar à parte, num domingo, após culto. “John”, disse ele, “estes têm sido os meses mais difíceis de nossas vidas. Você sabe o que me ajudou a passar por eles? A visão da grandeza da santidade de Deus, que você me deu no primeiro domingo de janeiro. Foi a rocha onde pudemos nos firmar”.

A grandeza e a glória de Deus são relevantes. Não importa se as pesquisas trazem uma lista de necessidades observadas entre as quais não se inclui a suprema grandeza do Deus soberano da graça. Esta é a necessidade mais profunda. Nosso povo está morrendo com fome de Deus.

Outra ilustração deste ponto é a maneira como a mobilização missionária está acontecendo em nossa igreja, e a maneira pela qual ela tem acontecido vez após vez através da história. A juventude de hoje não fica entusiasmada com denominações e organizações eclesiais. Os jovens se entusiasmam com a grandeza de um Deus global, e com o

propósito de um Rei soberano, impossível de ser detido. O primeiro grande missionário disse: “[...] viemos a receber graça e apostolado *por amor do seu nome*, para a obediência por fé, entre todos os gentios” (Rm 1.5, ênfase acrescida). Missões existem por causa do nome de Deus. Elas fluem do amor pela glória de Deus e pela honra de sua reputação. É uma resposta à oração: “Santificado seja teu nome!”.

Portanto, estou persuadido de que a visão de um grande Deus é a chave na vida de igreja, tanto no cuidado pastoral quanto na expansão missionária. Nosso povo precisa ouvir uma pregação permeada de Deus. Precisa de alguém, pelo menos uma vez por semana, que levante sua voz e exalte a supremacia de Deus. Precisa contemplar o panorama completo de suas excelências. Robert Murray M’Cheyne afirmou: “O que Deus abençoa não é tanto os grandes talentos, mas a grande semelhança a Jesus. Um ministro santo é uma arma terrível na mão de Deus”.<sup>1</sup> Em outras palavras, do que o povo precisa mais é da nossa santidade pessoal. Sim, e santidade humana nada mais é do que uma vida imersa em Deus – a sobrevivência de uma visão de mundo permeada de Deus.

O tema indispensável de nossa pregação é o próprio Deus, em sua majestade e verdade e santidade e justiça e sabedoria e fidelidade e soberania e graça. Com isto não pretendo dizer que não devemos pregar sobre os detalhes pequenos e sobre a importância de questões práticas como paternidade, divórcio, AIDS, glotonaria, televisão e sexo. O que quero dizer é que cada uma destas coisas deve ser trazida diante da santa presença de Deus e ali profundamente examinada quanto à sua teocentricidade ou impiedade.

A tarefa do pregador cristão não é dar ao povo conselhos moralistas ou psicológicos sobre como se dar bem no mundo. Qualquer outra pessoa pode fazer isto. Mas a maioria de nosso povo não tem ninguém no mundo que

lhes fale, semana após semana, sobre a suprema beleza e majestade de Deus. E muitos deles estão tragicamente famintos de uma visão centrada em Deus, como a do grande pregador Jonathan Edwards.

O historiador da igreja, Mark Noll, vê como uma tragédia que nestes dois séculos e meio desde Edwards, “[...] os evangélicos americanos, como cristãos, não têm qualquer conceito sobre a vida, a partir de seus níveis mais baixos até os mais altos, porque toda sua cultura deixou de tê-lo. A piedade de Edwards continuou na tradição reavivalista, sua teologia continuou no calvinismo acadêmico, mas não houve sucessores da sua cosmovisão teocêntrica ou da sua filosofia teológica profunda. O desaparecimento da perspectiva de Edwards da história cristã americana tem sido uma tragédia”.<sup>2</sup>

Charles Colson ecoa esta convicção: “A igreja ocidental – boa parte dela levada pela correnteza, aculturada, e infectada com graça barata – precisa desesperadamente ouvir o desafio de Edwards [...] É minha convicção que as orações e o trabalho dos que amam e obedecem a Cristo em nosso mundo ainda hão de predominar, ao manterem a mensagem de um homem como Jonathan Edwards”.<sup>3</sup>

A restauração da “cosmovisão teocêntrica” nos mensagens de Deus seria causa de grande regozijo no país, razão para uma profunda ação de graças ao Deus que faz novas todas as coisas.

O material do capítulo 1 apareceu pela primeira vez sob a forma de estudos nas *Palestras sobre Pregação Harold John Ockenga*, Gordon-Conwell Theological Seminary, em fevereiro de 1988. O conteúdo do capítulo 2 foi apresentado, primeiramente, como *Palestras sobre Pregação Billy Graham Center*, no Wheaton College, em outubro de 1984. Este privilégio e esforço foram de maior lucro para mim do que para qualquer outra pessoa; agradeço aos líderes adminis-

trativos destas escolas, que depositaram sua confiança em mim e ampliaram minha própria compreensão do chamado sublime do pregador cristão.

Agradeço a Deus continuamente o não me ter deixado até agora, sem palavras, num domingo de manhã, nem sem o zelo de fazê-lo para sua glória. Ora, eu também tenho meus dias de mau humor. Minha família, com quatro filhos e uma esposa serena, não é uma família sem seus sofrimentos e lágrimas. Críticas podem doer como um nervo exposto, e o desânimo pode ser tão intenso a ponto de deixar este pregador paralisado. Mas é pelo dom da graça incomensurável e soberana que, excedendo todo deserto e toda inadequação, Deus abriu sua palavra para mim e me deu um coração capaz de saboreá-la e proclamá-la semana após semana. Nunca deixei de amar a pregação.

Na misericórdia de Deus há uma razão humana para tal. Charles Spurgeon sabia disso, e a maioria dos pregadores satisfeitos também sabe. Certa vez, Spurgeon foi interpelado sobre o segredo do seu ministério. Após uma pausa momentânea ele respondeu: “Meu povo ora por mim”.<sup>4</sup> Este é o motivo pelo qual estou sendo freqüentemente reavivado para o trabalho do ministério. Este foi o motivo pelo qual *Supremacia de Deus na Pregação* foi escrito. Meu povo ora por mim. A eles dedico este livro, com afeição e gratidão.

Minha oração é para que este livro possa mudar os corações dos arautos de Deus para o cumprimento desta grande admoestação apostólica:

“Se alguém fala, fale de acordo com  
os oráculos de Deus [...] na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”  
(1Pd 4.11)

*John Piper*

---

<sup>1</sup> Andrew Bonar, ed., *Memoir and Remains of Robert Murray McCheyne* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978), 258.

<sup>2</sup> Mark Noll, “Jonathan Edwards, Moral Philosophy, and the Secularization of American Christian Thought”, *Reformed Journal* (Fevereiro, 1.983):26. Ênfase do autor.

<sup>3</sup> Charles Colson, “Introduction”, em *Jonathan Edwards, Religious Affections*, (Portland: Multnomah, 1.984), xxiii, xxxiv.

<sup>4</sup> Iain Murray, *The Forgotten Spurgeon* (Edimburgo: Banner of Truth, 1.966), 36.

## PARTE 1

# Porque Deus Deveria Ser Supremo na Pregação

## o alvo da pregação A GLÓRIA DE DEUS

Em setembro de 1.966 eu era um estudante da terceira série em véspera de exames finais, especializando-me em literatura no Wheaton College. Havia terminado um curso de Química na escola de verão, estava totalmente apaixonado por Noël e estava mais doente do que nunca, ou do que antes, com mononucleose. O médico me confinou no centro de saúde por três das semanas mais decisivas da minha vida. Foi um período pelo qual não cesso de agradecer a Deus.

Naquele tempo, o semestre de aulas do outono começava com a Semana de Ênfase Espiritual. O pregador, em 1.966, foi Harold John Ockenga. Foi a primeira e última vez que o ouvi pregar. WETN, a estação de rádio do estabelecimento de ensino superior, transmitia as mensagens, e eu escutava deitado em meu leito, a cerca de 200 metros do púlpito. Sob a pregação da Palavra pelo pastor Ockenga, o rumo da minha vida foi definitivamente mudado. Posso me lembrar de como senti meu coração quase explodindo de ansiedade, enquanto escutava – ansiando por conhecer e manusear a Palavra de Deus daquela maneira. Através daquelas mensagens, Deus me chamou para o ministério da Palavra, irresistivelmente e (creio eu) irrevogavelmente. É minha convicção, desde

então, que a evidência subjetiva do chamado de Deus ao ministério da Palavra (citando Charles Spurgeon) “é um desejo intenso e completamente absorvente pelo trabalho”.<sup>1</sup>

Quando saí do centro de saúde, desisti de Química Orgânica, comecei a estudar Filosofia como matéria secundária, e me empenhei ao máximo para obter a melhor educação bíblica e teológica que pude. Vinte e dois anos mais tarde (nesta preleção, em 1.988), testifico que meu Senhor nunca me deixou duvidar deste chamado. Soa tão claro no meu coração como sempre soou. E simplesmente fico admirando a providência graciosa de Deus – salvando-me e chamando-me como servo da Palavra, e duas décadas mais tarde, deixando-me falar sob a insígnia das *Palestras sobre Pregação Harold John Ockenga*, no Gordon-Conwell Theological Seminary.

Isto, portanto, é um precioso privilégio para mim. Oro para que este seja um tributo aceitável ao doutor Ockenga, que nunca me conheceu – e, portanto, um testemunho ao fato de que o verdadeiro proveito de nossa pregação não será conhecido de nós, até que todos os frutos de todos os galhos em todas as árvores que brotaram de todas as sementes que semeamos tenham amadurecido, por completo, à luz da eternidade.

“Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei” (Isaías 55.10-11).

Dr. Ockenga nunca soube o que a sua pregação fez em minha vida, e, se você for um pregador, pode tomar nota de que Deus irá ocultar de você muito dos frutos produzidos por ele através de seu ministério. Você verá o suficiente

para se assegurar da sua bênção, mas não tanto a ponto de fazer você pensar que poderia viver sem a mesma. Pois o alvo de Deus é glorificar a si mesmo e não o pregador. Isto nos leva ao tema principal: a supremacia de Deus na pregação. Seu esboço é intencionalmente trinitariano:

O alvo da pregação: *a glória de Deus*

A base da pregação: *a cruz de Cristo*

O dom da pregação: *o poder do Espírito Santo*

Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são o começo, o meio e o fim no ministério da pregação. As palavras do apóstolo tratam de todos os labores ministeriais, especialmente o da pregação: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente” (Rom 11.36).

O pregador escocês James Stewart disse que os alvos da pregação genuína são: “despertar a consciência através da santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação através da beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus, devotar a vontade ao propósito de Deus”.<sup>2</sup> Em outras palavras, Deus é o alvo da pregação, Deus é a base da pregação – e todos os recursos entre o alvo e a base são dados pelo Espírito de Deus.

Meu objetivo é pleitear a supremacia de Deus na pregação – que a nota dominante da pregação seja a liberdade da graça soberana de Deus; que o tema unificador seja o zelo que Deus tem para com a sua própria glória; que o objeto sublime da pregação seja o infinito e inexaurível ser de Deus, e que a atmosfera penetrante da pregação seja a santidade de Deus. E então, quando a pregação apresentar as coisas ordinárias da vida – família, trabalho, lazer, amizades, ou a crise de nossos dias – AIDS, divórcio, vícios, depressão, abusos, pobreza, fome e, o pior de tudo, povos do mundo não alcançados, estes assuntos não serão somente levantados. Serão elevados até Deus.

John Henry Jowett, que pregou por trinta e quatro anos na Inglaterra e nos Estados Unidos até 1.923, entendia que este era o grande poder dos pregadores do século dezanove, como Robert Dale, John Newman e Charles Spurgeon: “Eles sempre estavam prontos a parar numa janela da vila, mas sempre conectavam as ruas aos altos, e faziam as almas de seus ouvintes viajar por sobre os eternos montes de Deus [...] Precisamos, penso eu, recuperar esta nota de imensidão, esta sensação e sugestão sempre presentes do Infinito em nossa pregação”.<sup>3</sup> No início do século vinte e um, a necessidade desta recuperação é dez vezes maior.

Também não estou, aqui, propondo um tipo de preocupação rebuscada e elitista com pontos filosóficos ou intelectuais imponderáveis. Há certas pessoas do tipo estético que gravitam para cultos mais elevados, por não suportarem a “comédia vulgar” do culto evangélico. Spurgeon era tudo menos um elitista intelectual. Dificilmente existiu um pastor que fosse mais popular do que ele. Suas mensagens, no entanto, eram cheias de Deus e a atmosfera dos cultos onde pregava ficava carregada com a presença de realidades aterradoras. “Nunca teremos grandes pregadores”, disse ele, “até que tenhamos grandes teólogos”.<sup>4</sup>

Ele disse isto não porque se interessava mais por teologia do que por almas perdidas; ele se importava com uma porque amava as outras. Foi o mesmo com Isaac Watts, que viveu cem anos antes. Samuel Johnson disse a respeito de Watts, “Tudo o que ele tomava em suas mãos, por causa de sua incessante solicitude pelas almas, era convertido à teologia”.<sup>5</sup> Para mim, isto quer dizer, no caso de Watts, que ele relacionava todas as coisas com Deus, porque se preocupava com as pessoas.

Hoje Johnson, creio eu, comentaria o seguinte sobre muitas das pregações contemporâneas: “Tudo aquilo que o pregador toma em suas mãos, por causa de sua incessante

necessidade de relevância, é convertido em filosofia”. Nem os grandes alvos da pregação, nem o lugar digno da filosofia são honrados nesta perda do nervo teológico. Uma razão pela qual as pessoas, às vezes, colocam em dúvida a validade duradoura da pregação centrada em Deus é porque nunca escutaram algo parecido. J. I. Packer nos conta sobre a pregação de Dr. Martyn Lloyd-Jones que ele ouvia todo domingo à noite, na capela de Westminster, durante 1.948 e 1.949. Ele afirmou que nunca havia escutado tal pregação. Veio a ele com a força e a surpresa de um choque elétrico. Diz ele que Lloyd-Jones lhe trouxe “a percepção de Deus mais do que qualquer outro homem”.<sup>6</sup>

É isto que as pessoas tiram do culto hoje em dia – a percepção de Deus, a nota da graça soberana, o tema da glória panorâmica, o grandioso objeto do Infinito Ser de Deus? Entram eles uma hora por semana – o que não é uma expectativa exagerada na atmosfera da santidade de Deus que deixa seu aroma sobre as suas vidas a semana inteira?

Cotton Mather, que ministrou na Nova Inglaterra há 300 anos, afirmou: “O principal intento e finalidade do ofício do pregador cristão [é] restaurar o trono e o domínio de Deus nas almas dos homens”.<sup>7</sup> Isto não era floreado retórico. Foi uma conclusão exegética calculada e acurada de um dos grandes textos bíblicos que levam ao fundamento bíblico da supremacia de Deus na pregação. O texto por detrás da afirmativa de Mather é Romanos 10.14-15: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: ‘Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!’”. Segundo este texto, a pregação poderia ser definida como *a proclamação da boa nova por um mensageiro mandado por Deus* (“proclamação”

– da palavra *kerussontos* no verso 14; “das boas novas” – de *euangelizomenon agatha* no verso 15; “enviadas por um mensageiro enviado” – de *apostalysin* no verso 15).

A pergunta chave é: o que o pregador anuncia? Quais as boas novas aqui referidas? Desde que o verso 16 é uma citação de Isaías 52.7, faremos bem, se nos voltarmos e deixarmos Isaías nos dar a definição do mesmo. Preste atenção ao que Mather ouviu neste verso concernente ao grande projeto da pregação cristã:

“Que formosos são sobre os montes os pés do  
que anuncia as boas-novas,  
que faz ouvir a paz,  
que anuncia coisas boas,  
que faz ouvir a salvação,  
que diz a Sião: “O teu Deus reina!”

As boas-novas do pregador, a paz e a salvação que ele anuncia estão condensadas numa só sentença: “O teu Deus reina!” Mather aplica isto, com plena razão, ao pregador: “O principal intento [...] de um pregador cristão [é] restaurar o trono e domínio de Deus nas almas dos homens”.

A nota chave na boca de todo pregador-profeta, tanto nos dias de Isaías, nos dias de Jesus, como nos nossos dias é “Teu Deus Reina!” Deus é o Rei do universo; Ele tem direitos absolutos de criador sobre este mundo e todos nele contidos. No entanto, há rebelião e revolta de todos os lados, e sua autoridade é escarnecida por milhões. Assim, o Senhor envia pregadores ao mundo para bradar que Deus reina, que Ele não deixará que Sua glória seja escarnecida indefinidamente, que Ele vindicará o Seu nome em grande e terrível ira. Mas eles também são enviados a proclamar que, por enquanto, um perdão completo e livre é oferecido a todos os súditos rebeldes que retornarem de sua rebelião, clamarem a Ele por misericórdia, se prostrarem diante de Seu trono e prometerem solenemente submissão e fidelidade

a Ele para sempre. A anistia é assinada pelo sangue de seu Filho.

Portanto, Mather está absolutamente certo: O principal desígnio do pregador cristão é restaurar o trono e o domínio de Deus nas almas dos homens. Mas, por quê? Podemos nos aprofundar mais? O que faz com que o coração de Deus seja levado a exigir que nos submetamos à sua autoridade e a oferecer a misericórdia da anistia?

Isaías nos dá a resposta num texto anterior a este. Falando da sua misericórdia para Israel, Deus diz:

“Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e  
por causa da minha honra me contarei para contigo,  
para que te não venha a exterminar.  
Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata;  
provei-te na fornalha da aflição.  
Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto;  
porque como seria profanado o meu nome?  
A minha glória, não a dou a outrem”.

(Isaías 48.9-11)

Por detrás e debaixo das práticas soberanas da misericórdia de Deus como Rei, há uma paixão inabalável para com a honra de seu nome e a manifestação de sua glória.

Portanto, poderemos nos aprofundar mais do que a sugestão de Mather. Oculto sob o compromisso de Deus de reinar como Rei, há um compromisso mais profundo de que Sua glória, um dia, encherá toda a terra (Nm 14.21; Is 11.9; Hb 2.14; Sl 57.5; 72.19). Esta descoberta tem uma tremenda implicação para a pregação, pois o mais profundo propósito de Deus em relação ao mundo é inundá-lo com repercussões de sua glória, nas vidas de uma nova humanidade, resgatadas de cada povo, tribo, língua e nação (Ap 5.9).<sup>8</sup> Mas a glória de Deus não é refletida com clareza nos corações dos homens e das mulheres, quando eles se submetem covardemente, a contragosto, à sua autoridade,

ou quando obedecem em medo servil, ou ainda quando não há alegria em resposta à glória de seu Rei.

A implicação disto para a pregação é óbvia: quando Deus manda seus emissários proclamar “Teu Deus Reina!”, seu alvo não é o de compelir o homem à submissão, por um ato de autoridade crua; seu alvo é arrebatá-lo com exibições irresistíveis de glória. A única submissão que reflete em sua totalidade o valor e glória do Rei é a submissão prazerosa. Submissão de má vontade é uma repreensão ao Rei. Sem regozijo na sujeição não há glória ao Rei.

Na realidade é isto o que Jesus afirma em Mateus 13.44: “O reino (o governo, o domínio) dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria (submissão prazerosa àquela realeza e deleite em sua glória, seu valor), vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo”. Quando o reino é um tesouro, a submissão é um deleite. Ou, invertendo a ordem, quando a submissão é um deleite, o reino é exaltado como um tesouro. Portanto, se o alvo da pregação é glorificar a Deus, ela precisa ter como objetivo a submissão prazerosa ao reino dele, e não submissão fria.

Paulo diz em 2Co 4.5: “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor.” Mas, a seguir, no verso 6, ele expõe o que está por detrás da proclamação do Senhorio de Cristo – por detrás do governo e autoridade do Rei Jesus – e mostra a essência de sua pregação, que é a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.” A única submissão ao senhorio de Cristo que exalta plenamente seu valor e reflete sua beleza é a alegria humilde da alma humana na glória de Deus na face de Seu Filho.

A maravilha do evangelho e a descoberta mais libertadora que este pecador jamais fez foi que o mais profundo compromisso de Deus ser glorificado e o mais

profundo desejo meu ser satisfeito não estão em conflito, mas de fato encontram consumação simultânea na manifestação da glória de Deus e em meu deleite nela.<sup>9</sup> Portanto, o alvo da pregação é a glória de Deus refletida na submissão prazerosa do coração humano. E a supremacia de Deus na pregação está garantida por este fato: aquele que satisfaz recebe a glória; aquele que concede o prazer é o tesouro.

<sup>1</sup> Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (Grand Rapids: Zondervan, 1972), 26.

<sup>2</sup> James Stewart, *Heralds of God* (Grand Rapids: Baker Book House, 1972), 73. Esta citação vem de William Temple, que a formulou para definir culto, mas Stewart tomou-a emprestada por dar “com precisão os alvos e finalidades da pregação”.

<sup>3</sup> John H. Jowett, *The Preacher: His Life and Work* (Nova York: Harper, 1912), 96, 98.

<sup>4</sup> Spurgeon, *Lectures*, 146.

<sup>5</sup> Samuel Johnson, *Lives of the English Poets* (Londres: Oxford University Press), 2:365.

<sup>6</sup> Christopher Catherwood, *Five Evangelical Leaders* (Wheaton: Harold Shaw, 1985), 170.

<sup>7</sup> Cotton Mather, *Student and Preacher, or Directions for a Candidate of the Ministry* (London: Hindmarsh, 1726), v.

<sup>8</sup> Uma defesa exegética extensa desta declaração é oferecida no Apêndice 1 de John Piper, *Desiring God* (Portland: Multnomah, 1986).

<sup>9</sup> Esta é a tese de *Desiring God*, onde as suas implicações em outras áreas da vida, além da pregação, são desenvolvidas.

## a base da pregação A CRUZ DE CRISTO

Pregar é anunciar as boas novas através de um mensageiro mandado por Deus, as boas novas [...]

que Deus reina;  
que ele reina para revelar sua glória;  
que sua glória é revelada mais abundantemente na submissão prazerosa de sua criação;  
que, portanto, o zelo de Deus, para ser glorificado, e o nosso desejo de sermos satisfeitos não são conflitantes;  
e que algum dia a terra estará cheia da glória do Senhor, ecoando e repercutindo em incandescente adoração da igreja resgatada, congregados vindos de todo povo e língua e tribo e nação.

O alvo da pregação é a glória de Deus refletida na submissão prazerosa de sua criação.

Existem, porém, dois obstáculos poderosos ao alcance deste objetivo: a justiça de Deus e o orgulho do homem. A justiça de Deus é seu zelo resoluto pela exaltação de sua glória.<sup>1</sup> O orgulho do homem é seu zelo resoluto pela exaltação de *sua* glória.

O que em Deus é justiça, no homem é pecado. Este é o ponto exato de Gênesis 3 – o pecado entrou no mundo por meio de uma tentação, cuja essência era: “serás como Deus”.

A tentativa de imitar Deus neste ponto é a essência de nossa corrupção.

Nossos pais enamoraram-se por esta idéia e neles todos nós caímos na mesma armadilha. Agora faz parte de nossa natureza. Tomamos o espelho da imagem de Deus, cuja intenção era refletir a sua glória no mundo, damos as costas à luz, e nos encantamos com os contornos de nossa própria sombra escura, tentando desesperadamente nos convencer (com avanços tecnológicos, ou com habilidades administrativas, ou vantagens atléticas, ou empreendimentos acadêmicos, ou façanhas sexuais, ou ainda com cabeleiras contra-culturais) de que a sombra escura no chão à nossa frente é realmente gloriosa e satisfatória. Em nosso orgulhoso romance com nós mesmos lançamos desprezo, saibamos disto ou não, sobre o mérito da glória de Deus.

Quando nosso orgulho verte desprezo sobre a glória de Deus, ele é obrigado a verter sua ira sobre nosso orgulho.

“Os olhos altivos dos homens serão abatidos,  
e a sua altivez será humilhada;  
só o Senhor será exaltado naquele dia.  
Porque como seria profanado o meu nome?  
A minha glória, não a dou a outrem.  
Os olhos dos altivos são humilhados [...] e Deus, o Santo, é santificado em justiça.  
Destruição será determinada,  
transbordante de justiça [...]

(Is. 2.11; 48.11; 5.15-16; 10.2)

O alvo da pregação é a glória de Deus na submissão prazerosa de sua criação. E, portanto, há um obstáculo a esta pregação em Deus e há um obstáculo no homem. O orgulho do homem não se deleita na glória de Deus, enquanto que a justiça de Deus não deixará que sua glória seja escarnecida.

Portanto, onde encontraremos alguma esperança de que a pregação atingirá seu alvo – que Deus seja glorificado

naqueles que estão satisfeitos nele? Será que algum dia a justiça de Deus cederá em sua oposição aos pecadores? Será que o orgulho do homem poderá algum dia ser quebrado de sua própria vaidade e satisfazer-se na glória de Deus? Há base para tal esperança? Há fundamento para uma pregação válida e promissora?

Há, sim. Na cruz de Cristo, Deus encarregou-se de superar os dois obstáculos à pregação. A cruz supera o obstáculo objetivo, externo, da oposição da justiça de Deus ao orgulho humano, e supera o obstáculo subjetivo, interno, de nossa oposição orgulhosa à glória de Deus. Fazendo assim, a cruz se torna a base da validade objetiva da pregação e a base da humildade subjetiva da pregação.

Tomemos estes pontos, um por vez, e olhemos para a evidência bíblica.

### **A cruz como a base da validade da pregação**

O problema mais fundamental da pregação é de que maneira um pregador será capaz de proclamar esperança a pecadores, diante da irrepreensível justiça de Deus. Obviamente, o homem por si só não vê isto como o problema mais sério. Ele nunca viu.

R. C. Sproul demonstrou claramente esta questão por meio de um sermão baseado em Lucas 13.1-5, intitulado “A ocasião errada para ficarmos espantados”. Algumas pessoas vieram a Jesus e lhe contaram a respeito dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam. Jesus respondeu com palavras chocantes e frias: “Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependeirdes, todos igualmente perecereis”. Em outras palavras, Jesus disse o seguinte: “Vocês estão chocados que alguns galileus foram mortos por Pilatos? Vocês precisam ficar chocados, porque

nenhum de vocês foi morto, e pelo fato de que um dia serão mortos, sim, se não se arrependerem”.

Sproul salientou que aqui reside a antiqüíssima diferença entre a maneira pela qual o homem natural vê o problema de seu relacionamento com Deus e a maneira pela qual a Bíblia vê o problema da relação do homem com Deus. Pessoas centralizadas no homem ficam atônitas, ao pensar que Deus retém a vida e alegria de suas criaturas. Mas a Bíblia, que é centralizada em Deus, demonstra espanto diante do fato de que ele é capaz de reter o julgamento sobre os pecadores. Uma das implicações que isto traz à pregação é que pregadores que se orientam pelo que a Bíblia diz, e não pelo que o mundo diz, sempre estarão lutando com realidades espirituais que muitos de seus ouvintes nem ao menos sabem que existem ou que sejam indispensáveis. Mas o ponto essencial é este: o problema fundamental com a pregação, quer ele seja percebido ou não pela nossa época tão centralizada no homem, é como um pregador consegue proclamar esperança a pecadores, diante da justiça irrepreensível de Deus.

E a solução gloriosa para este problema é a reconciliação que ocorreu na cruz, como foi mostrada nesta paráfrase de Romanos 3.23-26:

<sup>23</sup> pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus [eles mudaram a glória de Deus para a glória da criatura, Rm 1.23], <sup>24</sup> sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. <sup>25</sup> Deus o apresentou como sacrifício para propiciação mediante a fé [ali está a cruz!], pelo seu sangue. Ele fez isto para demonstrar sua justiça, porque, em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos – <sup>26</sup> isso para demonstrar sua justiça no presente, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”.

O que esta passagem surpreendente afirma é que o

problema fundamental da pregação foi superado pela cruz. Sem a cruz, a justiça de Deus poderia ser somente demonstrada na condenação de pecadores, e o alvo da pregação seria abortado – Deus não seria glorificado com a felicidade de suas criaturas corrompidas. Sua justiça seria simplesmente vindicada na destruição delas.

O que o texto nos ensina é que – mesmo que todos desprezem a glória de Deus (de acordo com Rm 3.23), e mesmo que a justiça de Deus seja seu comprometimento resoluto com a sustentação desta glória (subentendido em 3.25) – não obstante, Deus projetou um caminho para vindicar o valor da sua glória e, ao mesmo tempo, dar esperança a pecadores que escarneceram dela. O que ele planejou foi a morte de seu Filho. Foi necessária a morte infinitamente preciosa do Filho de Deus, para reparar a desonra que o meu orgulho trouxe à glória de Deus.

O sentido da cruz é horrivelmente distorcido, quando os profetas contemporâneos que pregam a auto-estima dizem que a cruz é testemunha do meu valor infinito, já que Deus estava disposto a pagar um preço tão alto para me alcançar. A perspectiva bíblica é que a cruz é testemunha a favor da infinita dignidade da glória de Deus e contra a imensidão do pecado de meu orgulho. O que deveria chocar-nos é que temos trazido tanto desprezo sobre a dignidade de Deus que a morte de seu próprio Filho foi requerida para vindicar esta indignidade. A cruz se levanta como testemunho da infinita dignidade de Deus e o infinito ultraje do pecado.

Conseqüentemente, o que Deus conquistou na cruz de Cristo é a autorização ou o fundamento da pregação. A pregação seria inválida sem a cruz. O alvo da pregação conteria uma insolúvel contradição – a glória de um Deus justo engrandecida na felicidade de um povo pecador. Mas a cruz juntou dois aspectos do alvo da pregação que pareciam encontrar-se desesperadamente em divergência: a

justificação e exaltação da glória de Deus e a esperança e felicidade do homem pecador.

No capítulo 1 vimos que pregar é proclamar as boas novas de que o zelo de Deus em ser glorificado e o nosso desejo de sermos satisfeitos não estão em conflito absoluto. E o que vimos até agora neste capítulo é que a base desta proclamação é a cruz de Cristo. Este é o evangelho por detrás de todas as outras coisas que a pregação deve anunciar. Sem a cruz, a pregação que tem como alvo glorificar um Deus justo pela felicidade do homem pecador não tem validade.

### **A cruz como base da humildade da pregação**

A cruz também é a base da humildade da pregação, porque ela é o poder de Deus para crucificar o orgulho de ambos, tanto dos pregadores como da congregação. No Novo Testamento a cruz não é somente o antigo local, onde ocorreu a substituição objetiva; é também um lugar atual de execução subjetiva – a execução de minha autoconfiança e meu romance com o elogio de homens. “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo” (Gl 6.14).

O ponto no qual o apóstolo Paulo faz mais questão de enfatizar o poder crucificador da cruz é aquele da sua própria pregação. Duvido que haja uma passagem sobre pregação mais importante em toda a Bíblia do que os primeiros dois capítulos de 1Coríntios, onde Paulo mostra que o grande obstáculo para os alvos da pregação em Corinto era o orgulho. As pessoas estão enamoradas com a habilidade de oratória, façanha intelectual e exposições filosóficas. Alinhavam-se detrás de seus mestres favoritos e se gloriavam deles: “Eu sou de Paulo!”, “Eu sou de Apolo!”, “Eu sou de Cefas!”.

O alvo de Paulo nestes capítulos é declarado em 1.29:

“para que ninguém se vanglorie diante dele”, e em 1.31: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”. Em outras palavras, Paulo não deseja negar-nos a grande satisfação que vem do exultar em glória e do deleitar-se em grandeza. Fomos feitos para ter este prazer. Mas ele não quer deixar de reconhecer a glória devida a Deus e a grandeza que se volta em eco a ele, quando as pessoas se gloriam no Senhor e não no homem. Satisfaça seu desejo de se gloriar, gloriando-se no Senhor.

Os alvos de Paulo são os alvos de pregação cristã – a glória de Deus no homem de coração contente, a exultação dos cristãos voltada para Deus. Contudo, o orgulho nos impede. Para removê-lo, Paulo fala a respeito dos efeitos da cruz em sua própria pregação. Seu ponto principal é que a “palavra da cruz” (1.18) é o poder de Deus para quebrar o orgulho do homem – tanto do pregador quanto do ouvinte – e nos leva a uma dependência prazerosa da misericórdia de Deus e não de nós mesmos.

Deixe-me dar-lhes apenas alguns exemplos disto vindos do texto: “Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada”. (1Co 1.17). Por que a cruz seria esvaziada, se Paulo tivesse vindo com oratória florida e exibições de sabedoria filosófica? Seria esvaziada, porque Paulo estaria cultivando aquela jactância no homem que a cruz deveria crucificar. Isto é o que pretendo dizer, quando afirmo ser a cruz a base da humildade da pregação.

Considere o mesmo ponto em 2.1: “Quanto a mim, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloqüente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus”. Em outras palavras, o apóstolo evitou a ostentação da oratória e do intelecto. Por quê? Qual era a base para esta conduta na pregação? O verso seguinte

nos diz claramente: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado”.

Penso que Paulo quis dizer com isto que saturava sua mente tão completamente com a cruz de Cristo que em tudo o que falava ou fazia, em toda sua pregação, se encontraria o aroma de morte – morte da confiança própria, morte do orgulho, morte da jactância de homens. Neste aroma de morte, a vida que o povo iria ver era a vida de Cristo, e o poder que as pessoas veriam seria o poder de Deus.

Por quê? Qual o motivo pelo qual o apóstolo desejava que as pessoas vissem isto e não a si mesmo? O verso 5 responde assim: “para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus”. Em outras palavras, que Deus (e não o pregador!) seja honrado na confiança de seu povo. Este é o objetivo da pregação!

Concluo, portanto, que a cruz de Cristo não somente providencia um fundamento para a validade da pregação, habilitando-nos a proclamar a boa nova de que um Deus justo pode e será glorificado na submissão prazerosa de pecadores; a cruz de Cristo também provê um fundamento para a humildade da pregação. Tanto é um evento passado de substituição como também uma experiência presente de execução.

A cruz sustém a glória de Deus na pregação e abate o orgulho do homem no pregador. É, portanto, o fundamento de nossa doutrina e o fundamento de nosso comportamento.

Paulo chega a ponto de dizer que, a menos que o pregador seja crucificado, a pregação será esvaziada (1Co 1.17). O que somos na pregação é terminantemente crucial para o que dizemos. É por este motivo que trato, no capítulo 3, do poder capacitador do Espírito Santo e no capítulo 4, da seriedade e da alegria da pregação.

<sup>1</sup> Veja a defesa e exposição desta definição em John Piper, *The Justification of God* (Grand Rapids: Baker Book House, 1.983).

## a base da pregação

### O PODER DO ESPÍRITO SANTO

A supremacia de Deus na pregação exige que o nosso alvo constante nela seja expor e engrandecer a glória de Deus (capítulo 1), e que a suficiência plena da cruz do Filho de Deus seja a confirmação consciente de nossa pregação e a humilhação de nosso orgulho (capítulo 2). Nada disso ocorrerá, no entanto, exclusivamente em nós. O trabalho soberano do Espírito de Deus deve ser o poder pelo qual tudo é alcançado.

Quão completamente dependentes somos do Espírito Santo no serviço da pregação! Toda pregação genuína está enraizada em um sentimento de desespero. Você acorda no domingo de manhã e é capaz de cheirar a fumaça do inferno de um lado e sentir as refrescantes brisas do céu de outro. Vai ao seu escritório e examina seu desprezível manuscrito, e se ajoelha e clama: “Deus, isto é tão fraco! Quem penso que sou? Que audácia pensar que, em três horas, minhas palavras serão o odor da morte para a morte e a fragrância da vida para a vida (2Co 2.16). Meu Deus, quem é apto para estas coisas?”.

Phillips Brooks costumava aconselhar seus jovens pregadores com estas palavras: “Nunca deixe que você se

sinta à altura de seu trabalho. Se algum dia achar este espírito crescendo em você, fique apreensivo.”<sup>1</sup> E há uma razão para ficar apreensivo: seu Pai irá quebrantá-lo e humilhá-lo. Há alguma razão pela qual Deus deveria qualificá-lo ao ministério da pregação, de maneira diferente da que fez com Paulo?

“Irmãos, não queremos que vocês desconheçam as tribulações que sofremos na Província da Ásia, as quais foram muito além da nossa capacidade de suportar, a ponto de perdermos a esperança da própria vida. De fato, já tínhamos sobre nós a sentença de morte, para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos (2Co 2.8-9).”

“Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar (2Co 12.7).”

Os perigos da autoconfiança e da auto-exaltação no ministério da pregação são tão traiçoeiros que Deus irá golpear-nos, se preciso for, a fim de quebrantar nossa autoconfiança e o uso despreocupado de nossas técnicas profissionais.

Portanto, Paulo pregou “em fraqueza e em grande temor e tremor” – reverente diante da glória do Senhor, quebrado em seu orgulho inato, crucificado com Cristo, evitando os ares da eloquência e do intelecto. E o que aconteceu? Houve uma demonstração do Espírito e poder! (2.4)

Sem esta demonstração do Espírito e poder em nossa pregação, nenhum valor permanente será obtido, não importa a quantidade de pessoas que possam admirar nosso poder de convicção, ou deleitar-se nas nossas ilustrações, ou aprender com a nossa doutrina. O alvo da pregação é a glória de Deus na submissão prazerosa de seu povo. Como pode Deus receber a glória de um ato tão evidentemente humano? A primeira carta de Pedro nos dá uma resposta

retumbante a esta pergunta: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas. Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém” (4.10-11).

Pedro está dizendo que, no que tange ao falar e ao servir, que se fale como quem transmite a palavra de Deus, em confiança no *poder* de Deus, e o resultado será a *glória* de Deus. Na pregação, quem define a agenda e concede o poder, recebe a glória. Portanto, se quisermos alcançar o alvo de pregação, precisamos simplesmente pregar a Palavra inspirada pelo Espírito de Deus, no poder concedido pelo Espírito de Deus.

Portanto, focalizemo-nos nestes dois aspectos da pregação – a Palavra de Deus, que o Espírito inspirou, e o poder de Deus, que nos é trazido na unção do seu Espírito. A menos que aprendamos a confiar na Palavra do Espírito e no poder do Espírito em toda humildade e mansidão, não será Deus quem receberá a glória em nossa pregação.

### **Confiança no dom da Palavra do Espírito – a Bíblia**

Oh, quanto é preciso ser dito a respeito do uso da Bíblia na pregação! A esta altura, ter confiança no Espírito Santo significa crer de todo coração que “toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça” (2Tm 3.16), crendo que “jamais a profecia [que no contexto de 2Pe 1.19 significa *Escritura*] teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21), e tendo forte confiança de que as palavras da Escritura “não são palavras ensinadas pela sabedoria

humana, mas ensinadas pelo Espírito” (1Co 2.13). Onde a Bíblia for estimada como a inspirada e inerrante Palavra de Deus, a pregação poderá florescer. Mas onde a Bíblia for tratada meramente como um registro de valiosas percepções religiosas, a pregação morrerá.

A pregação, contudo, não floresce automaticamente nos lugares onde a Bíblia é crida como inerrante. Os evangélicos de hoje têm maneiras eficazes pelas quais o poder e a autoridade da pregação bíblica são enfraquecidos. Há subjetivismos epistemológicos que depreciam a revelação proposicional. Há teorias lingüísticas que cultivam uma atmosfera exegética de ambigüidade. Há um tipo de relativismo popular e cultural que incomodam as pessoas a dispensar, petulantemente, ensinamentos bíblicos.

Onde este tipo de coisas cria raízes, a Bíblia é silenciada na igreja, e a pregação se tornará uma reflexão de questões em voga e opiniões religiosas. Certamente não é isto que Paulo tencionava dizer a Timóteo, quando escreveu: “Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda paciência e doutrina” (2Tm 4.1-2).

A Palavra! Eis aqui o foco. Toda a pregação cristã deve ser a exposição e a aplicação de textos bíblicos. Nossa autoridade como pregadores enviados por Deus se mantém ou cai com nossa lealdade evidente ao texto da Escritura. Digo “evidente”, pois há muitos pregadores que dizem estar expondo as Escrituras, enquanto, evidentemente, não baseiam suas afirmações no texto bíblico. Não mostram com clareza a seu povo que as afirmações de sua pregação vêm de palavras específicas e legíveis da Escritura, as quais eles mesmos podem ler.

Um dos maiores problemas que tenho com os pregadores

mais jovens, aos quais sou convocado a criticar, é que eles não citam os textos que provam os pontos que estão querendo demonstrar. Isto me deixa curioso, querendo saber se foram ensinados a compreender o texto e então explicá-lo com suas próprias palavras em trinta minutos. O efeito de tal estilo de pregação deixa as pessoas tateando pela Palavra de Deus, inquirindo se o que você diz realmente se encontra na Bíblia.

No entanto, na cultura ocidental alfabetizada, precisamos fazer com que as pessoas abram suas Bíblias e coloquem seus dedos sobre o texto.<sup>2</sup> Em seguida, precisamos citar uma porção do texto e explicar o que ele significa, informando qual a metade do verso em que ele se encontra. As pessoas perdem o fio da meada, quando estão às apalpadelas, tentando achar de onde vêm as idéias do pastor. Após isto, precisamos citar outra parte do texto e explicar o que significa. Nossa explicação se baseará em outras passagens da Escritura. Cite-as! Não diga coisas gerais como: “Como Jesus afirma no sermão do monte”. Ao longo do sermão, ou ao fim dele, precisamos inculcar-lhes o ensino bíblico com uma aplicação penetrante.

Ao dizermos ao povo alguma coisa, sem demonstrá-la no texto, estamos simplesmente impondo sobre ele a nossa autoridade. Isto não honra a Palavra de Deus ou o trabalho do Espírito Santo. Quero encorajá-los a depender do Santo Espírito, saturando sua pregação com a Palavra por ele inspirada.

Também precisamos confiar no Espírito Santo, para nos ajudar a interpretar a Palavra. Paulo diz em 1Coríntios 2.13-14 que ele interpreta coisas espirituais para pessoas espirituais (isto é, aqueles que possuem o Espírito) pois o homem natural não aceita as coisas do Espírito, “porque lhe são loucura”. É necessária a ação do Espírito Santo para nos tornarmos obedientes à Bíblia. A obra do Espírito Santo

no processo da interpretação não é acrescentar informações, mas dar-nos a disciplina para estudar e a humildade para aceitar a verdade que lá encontramos, sem torcê-la. Muitas vezes aquele discernimento ou descoberta que precisávamos, tão desesperadamente necessários, foram resultado da graça acrescentada pela orientação providencial do Espírito.

Eu quero encorajá-los a serem como John Wesley nesta questão de depender do Espírito em sua Palavra, a Bíblia. Ele disse: “Oh, dê-me aquele livro. Dê-me o livro de Deus, a qualquer preço! Eu o tenho: aqui há conhecimento suficiente para mim. Deixe-me ser um homem de um só livro.”<sup>3</sup>

Isto não significa que ler outros livros e conhecer o mundo contemporâneo não seja importante, mas o perigo maior é negligenciar o estudo da Bíblia. Quando o pastor está fora do seminário e no ministério da igreja, não há cursos, não há tarefas, não há professores. Só há o pastor, a Bíblia e seus livros. E a vasta maioria dos pregadores esta muito aquém da resolução de Jonathan Edwards, quando estava com seus 20 anos: “Estudar as Escrituras tão regular, constante e freqüentemente, que perceba com clareza que estou crescendo no conhecimento delas.”<sup>4</sup>

Os pregadores que realmente foram eficazes sempre cresceram na Palavra de Deus. Seu deleite está na lei do Senhor e em sua lei meditam de dia e de noite. Spurgeon disse a respeito de John Bunyan: “Fure-o em qualquer parte; e você verá que seu sangue é bíblico, a própria essência da Bíblia flui dele. Ele não consegue falar sem citar um texto, pois sua alma está cheia da Palavra de Deus.”<sup>5</sup> Nossa alma também deveria estar cheia da essência da Bíblia. Isto é o que significa depender do dom da Palavra do Espírito.

### **Confiando no dom do poder do Espírito**

Mas há também a experiência real do poder do Espírito Santo, por ocasião da pregação. 1Pedro 4.11 diz que aquele

que serve deve fazê-lo no poder que Deus supre, de forma que Deus, não o servo, receba a glória. Aquele que dá o poder recebe a glória. Como podemos pregar desta forma? De maneira prática, o que significa fazer algo – como pregar – no poder de outro alguém?

Paulo observou essa relação em 1Coríntios 15.10, “[...] antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de Deus comigo.” Em Romanos 15.18, ele diz: “ Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e ação, a fim de levar os gentios a obedecerem a Deus.” Como é possível pregar de maneira que a pregação seja uma demonstração do poder de Deus e não do seu próprio?

Estou tentando descobrir a resposta a esta pergunta na minha própria vida e pregação. Tenho um longo caminho a seguir, antes de poder estar totalmente satisfeito com a minha pregação. Não tenho visto a quantidade do fruto que gostaria de ver. Avivamento e despertamento não têm vindo à minha própria pregação, na força e na profundidade que eu desejava. Luto contra o desânimo diante do pecado em nossa igreja e da fraqueza de nosso testemunho, num mundo que está perecendo. Portanto, dizer: “é assim que se prega no poder do Espírito Santo,” é algo muito arriscado. Mesmo assim, posso descrever onde me encontro agora, na procura desta experiência preciosa e indispensável.

Sigo cinco passos, quando estou empenhando-me em pregar não na minha própria força mas na força que Deus supre. Eu os resumo num acrônimo para me lembrar deles, quando minha mente está nublada pelo medo e pela distração. O acrônimo é ASCAA.

Imagine-me sentado atrás do púlpito, na Igreja Batista Bethlehem, onde sou pastor. São mais ou menos 10h15, domingo de manhã. O ofertório é concluído e um de meus companheiros sobe ao púlpito para ler o texto do sermão

da manhã, antes de minha pregação. Enquanto ele começa a ler, curvo minha frente perante o Senhor para uma última interação com ele, antes do momento sagrado da pregação. Geralmente faço meu coração passar pelo que ASCAA representa, perante o Senhor.

1. *Admito* perante o Senhor minha total impotência, sem sua presença. Afirmo que João 15.5 é absolutamente correto a meu respeito neste momento: “Sem mim nada podeis fazer.” Afirmo perante Deus que meu coração não estaria batendo, meus olhos não veriam nada, minha memória falharia sem ele. Sem Deus, eu seria afligido pela distração e por uma consciência exagerada de mim mesmo. Sem Deus, eu duvidaria de sua realidade. Não amaria as pessoas nem sentiria respeito pela verdade sobre a qual vou pregar. Sem ele, a palavra cairia em ouvidos surdos, pois quem mais poderia ressuscitar os mortos? Sem ti, ó Deus, serei incapaz de fazer coisa alguma.
2. Portanto, *suplico* por ajuda. Imploro por discernimento, poder, humildade, amor, memória, e liberdade dos quais preciso para poder pregar esta mensagem para a glória do nome de Deus, para o contentamento de seu povo, e pela reunião de seus eleitos. Aceito o convite: “Clame a mim no dia da angústia; eu o livrarei, e você me honrará” (Salmo 50.15). Esta oração não começa, quando estou prestes a me levantar para pregar. A preparação do sermão se faz em constante súplica por ajuda. Costumo levantar-me cerca de três horas e meia antes do primeiro culto no domingo para, por duas horas, preparar meu coração da melhor maneira possível antes de ir à igreja. E durante estes momentos vou em busca de uma promessa na Palavra, que será a base para o próximo passo em ASCAA.

3. *Confio*. Confio não somente de maneira geral na bondade de Deus, mas numa promessa específica, na qual posso firmar minha esperança naquela hora. Percebo que esta confiança em uma promessa específica de Deus é absolutamente essencial para me defender da investida de Satanás nestes momentos. Recentemente me fortaleci com o Salmo 40.17: “Sou pobre e necessitado, porém o Senhor preocupa-se comigo; tu és o meu socorro e o meu libertador; meu Deus, não te demores!” Eu memorizo o verso cedo de manhã, recito-o para mim mesmo no momento antes da pregação, creio na promessa ali contida, resisto ao Diabo com ele, e [...]
4. *Atuo* na confiança de que Deus irá cumprir sua Palavra. Posso testificar que, mesmo que a plenitude da bênção que espero ver esteja demorando, Deus tem satisfeito a mim e a seu povo, vez após vez, na manifestação da sua glória e na criação de uma submissão prazerosa à sua vontade. Isto leva ao passo final.
5. *Agradeço* a Deus. Ao fim da mensagem, expresso minha gratidão por ele ter-me sustentado e porque a verdade de sua Palavra e os benefícios obtidos por sua cruz foram pregados, em alguma medida, no poder do seu Espírito, para a glória do seu nome.

<sup>1</sup> Phillips Brooks, *Lectures on Preaching* (Grand Rapids: Baker Book House, 1.969), 106.

<sup>2</sup> É claro que a vasta maioria da população mundial não é alfabetizada. A mais urgente necessidade missionária não será a mesma forma de pregação que se faz necessária nos púlpitos da América, onde os cristãos sentam com exemplares da Bíblia na mão. Entretanto, desejo defender o ponto que, até mesmo a pregação para pessoas que não podem ler, deveria incluir muitas citações da Escritura de memória, bem como deixar claro que a autoridade do pregador provém de um livro inspirado. Pregar expositivamente em culturas iletradas é um desafio que requer muita atenção.

## seriedade e alegria

## NA PREGAÇÃO

<sup>3</sup> Citado em John Stott, *Between Two Worlds* (Grand Rapids: Eerdmans, 1.982), 32.

<sup>4</sup> Sereno Dwight, *Memoirs*, em S. Dwight, ed. *The Works of Jonathan Edwards* (1.834; reimpr. Edinburgh: Banner of Truth, 1.974), 1:xxi. Esta edição passa a ser citada, de agora em diante, como *Banner*.

<sup>5</sup> Citado em Murray, *Forgotten Spurgeon*, 34.

Duzentos e cinquenta anos passados, a pregação de Jonathan Edwards acendeu um grande avivamento entre as igrejas. Ele foi um grande teólogo (alguns diriam que ele não era inferior a nenhum dos melhores na história da igreja), um grande homem de Deus e um grande pregador. É claro que não podemos imitá-lo sem críticas, mas, oh, quantá coisa podemos aprender com este homem, especialmente em relação a este importante assunto que é a pregação!

Desde sua juventude ele era extremamente sério e enérgico em tudo o que fazia. Uma de suas resoluções na faculdade foi: “Está *decidido*. Viverei com todas as minhas forças, enquanto viver.” Sua pregação era totalmente séria, do começo ao fim. Você procurará, em vão, por algum gracejo nos 1.200 dos seus sermões que ainda temos.

Num sermão de ordenação em 1.744 ele afirmou: “Se um ministro possui luz sem calor, e entretém seus [ouvintes] com discursos eruditos, sem o aroma do poder da fé ou qualquer manifestação de fervor de espírito, e sem zelo por Deus e pelo bem das almas, ele poderá agradar a ouvidos desejosos, e preencher a mente de seu povo com noções

vagas; mas provavelmente não ensinará seus corações nem salvará suas almas.”<sup>1</sup>

Edwards possuía uma convicção esmagadora da realidade das glórias do céu e dos horrores do inferno, o que tornava sua pregação totalmente séria. Ele foi severamente criticado por sua participação no fervor do despertar religioso que ocorreu em sua época. Os pastores de Boston, tal como Charles Chauncy, o acusaram e também a outros de despertar emoções em demasia, com sua seriedade excessiva em relação à eternidade. Ao que Edwards respondeu:

Se qualquer um de vocês, chefes de família, visse um de seus filhos numa casa que, acima dele, estava se incendiando em sua totalidade, estando, portanto, seu filho, em perigo iminente de ser consumido pelas chamas em alguns minutos; e se esse seu filho não estivesse percebendo o perigo, e não estivesse preocupado em escapar, mesmo após você tê-lo avisado várias vezes, você continuaria a falar com ele somente em um tom frio e indiferente? Não iria exclamar em alta voz, da maneira mais vigorosa possível, e chamá-lo com muita seriedade e revelar-lhe o perigo no qual se encontrava, e a sua própria insensatez em retardar sua saída? Será que a própria natureza não ensinaria isto, e o compeliaria a fazê-lo? Se você continuasse a dirigir-se a ele somente numa maneira fria, habitualmente usada nas conversações rotineiras sobre tópicos indiferentes, não iriam, aqueles que estivessem ao seu redor, começar a pensar que você tinha perdido o bom senso? [...] Se [então] nós, que precisamos cuidar de almas, soubéssemos o que é o inferno, vissemos o estado dos condenados, ou por outra forma qualquer, nos tornássemos sensíveis à situação terrível em que se encontram [...] se vissemos nossos ouvintes em perigo iminente, do qual não estão conscientes [...] seria moralmente impossível nos esquivar de colocar à sua frente, da forma mais fervorosa e abundante possível, o terror desta miséria e o perigo no

qual se encontram [...] alertando-os a fugir deste perigo, e até mesmo clamando em alta voz, para que escutassem.”<sup>2</sup>

Sabemos, através dos testemunhos de seus contemporâneos, que os sermões de Edwards eram tremendamente poderosos em seus efeitos sobre as pessoas de sua congregação em Northampton. Não era por ser um orador dramático, como George Whitefield. Nos dias do avivamento ele ainda escrevia seus sermões por completo e os lia com poucos gestos.

Então, onde estava seu poder? Severo Dwight, que reuniu as autobiografias de Edwards, atribuiu seu sucesso, em parte, à “sua mente solene, profunda e penetrante. Ele tinha, a todo tempo, uma consciência solene da presença de Deus. Isto era visível em suas expressões e comportamento. Isto teve, obviamente, uma influência controladora sobre todos os seus preparativos para o púlpito; e era manifesto ao máximo em todos os seus cultos públicos. O efeito sobre a audiência era imediato e sem resistência alguma.”<sup>3</sup> Dwight perguntou a um homem que ouviu Edwards pessoalmente, se ele era um pregador eloqüente e recebeu a seguinte informação:

Ele não variava a voz de maneira calculada e usava de ênfase acentuada em seu discurso. Gesticulava raramente e quase não se movia; não fez nenhuma tentativa por meio de elegância de seu estilo ou beleza de ilustrações, de agradar o gosto e fascinar a imaginação. Mas, se você entende por eloqüência o poder de apresentar uma verdade importante perante uma audiência, com argumentos, esmagadores, e com tão intensa compaixão que toda a alma do pregador está em cada parte da argumentação e da entrega do sermão, de forma que a atenção solene de toda a audiência é capturada, do começo ao fim, marcas são impressas de forma que não podem ser apagadas – então o sr. Edwards foi o homem mais eloqüente que já escutei, pregando.”<sup>4</sup>

Intensidade de sentimento, argumentos poderosos, uma mente séria, profunda e penetrante, o aroma do poder de devoção, fervor de espírito, zelo por Deus – estas são as marcas da “seriedade da pregação”. Se há uma coisa que podemos aprender com Edwards, é levar o nosso chamado a sério e não fazer gracejos com a Palavra de Deus e com o ato da pregação.

Na Escócia, 100 anos depois de Edwards, um pastor hipócrita chamado Thomas Chalmers, foi convertido em sua pequena paróquia em Kilmany. Ele se tornou uma força poderosa a favor do evangelicalismo e das missões mundiais, quando, mais tarde, foi pastor em Glasgow e professor na Universidade de Saint Andrews e, posteriormente, em Edimburgo. Sua fama e poder no púlpito eram lendários durante sua época.

Não obstante, de acordo com James Stewart, Chalmers pregava “com um sotaque provincial desconcertante, com uma falta quase que total de gestos, rigidamente ligado a seu manuscrito, seguindo com o dedo cada linha que lia.”<sup>5</sup> Andrew Blackwood relaciona Chalmers à “escravidão ao manuscrito e uso de sentenças longas.”<sup>6</sup> Portanto, qual era seu segredo? James Alexander, que ensinava em Princeton naquele período, perguntou a John Mason, quando este retornou da Escócia, por que Chalmers era tão eficiente, ao que Mason respondeu: “É sua absoluta sinceridade”.<sup>7</sup>

Quero afirmar, com a convicção mais forte que palavras possam transmitir, que o trabalho da pregação deve ser feito em “absoluta sinceridade”. Não estamos caindo no perigo de imitar mecanicamente Jonathan Edwards, Chalmers e seus pais puritanos. Já nos afastamos tanto dos seus conceitos de pregação que não poderíamos imitá-los, mesmo se tentássemos. Digo “afastamos”, porque, quer um sermão seja lido e tenha duas horas de duração, quer suas sentenças sejam complexas e tenha poucas ilustrações, o

fato é que a glória destes pregadores era sua sinceridade – uma sinceridade que pode ser chamada de sobriedade. A maioria das pessoas hoje tem tão pouca experiência de encontros com Deus, durante a pregação, que sejam profundos, sérios, reverentes e poderosos, que as únicas descrições que lhes vêm à mente, quando perguntados sobre o assunto, são que o pregador foi moroso, ou enfadonho, ou lúgubre, ou sombrio, ou deprimente, ou mal-humorado, ou pouco amável.

Se você se empenha, na pregação, em trazer para as pessoas uma quietude santa no culto, pode ficar certo de que haverá pessoas dizendo que a atmosfera do culto foi pouco amável e muito fria. Tudo o que as pessoas acham, quando o sermão não foi um bate-papo, é que o mesmo se mostrou formal, deselegante e descortês. Como eles têm pouca ou nenhuma experiência do profundo contentamento decorrente da seriedade, esforçam-se por obter contentamento da única maneira que conhecem – sendo informais, palradores, e faladores.

Muitos pastores têm absorvido esta visão reducionista do que seja contentamento e amabilidade, e agora a cultivam pelo mundo afora, através de uma conduta no púlpito e estilo informal de falar que fazem com que a absoluta sinceridade de Chalmers e a seriedade penetrante da mente de Edwards se tornem inimagináveis. O resultado é uma atmosfera de pregação e um estilo de pregação contaminados com trivialidades, leviandade, negligência, irreverência e uma sensação generalizada de que nada de proporções eternas e infinitas está sendo feito ou dito aos domingos.

Se eu tivesse de colocar minha tese numa só sentença, diria assim: o contentamento e a sobriedade devem estar entrelaçados na vida e na pregação de um pastor de tal maneira a tornar sóbria a alma descuidada e adoçar as cargas

dos santos. Digo “adoçar”, porque o termo já pressupõe, em parte, a severidade do contentamento que tenho em mente, e o distingui das tentativas superficiais e insignificantes dos pregadores de incitar uma alegria despreocupada na congregação. Amor para com a congregação não trata, de forma leviana, realidades preciosas (daí a necessidade do chamado à sobriedade), e amor pelas pessoas não as sobrecarrega com um fardo de obediência, sem providenciar a força da alegria para ajudá-las a carregá-lo (daí o chamado ao contentamento).

Contentamento na pregação é um ato de amor. Continuamente surpreendo as pessoas, quando afirmo que, se um pastor verdadeiramente ama seu rebanho, ele precisa procurar diligentemente a felicidade deles pelo ministério da Palavra. As pessoas têm sido consistentemente ensinadas que, para se tornarem capazes de amar, devem abandonar a procura de sua própria alegria. Tudo bem, se obtiverem alegria como resultado inesperado e não procurado do amor (como se isto fosse psicologicamente possível), mas não é justo ir à procura de sua própria felicidade.

Eu afirmo o oposto: se você, como pastor, for indiferente à sua alegria no ministério, também será indiferente com um elemento essencial do amor. E se você tentar abandonar sua alegria no ministério da Palavra, estará lutando contra Deus e contra seu povo. Considere Hebreus 13.17: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria (*meta charas*) e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês (*alusiteles gar humin touto*).”

Um pastor que leia este versículo não poderá permanecer indiferente para com sua felicidade, se ele ama seu povo. O texto diz que um ministério feito sem alegria não é vantagem para o rebanho. Mas o amor tem como alvo o proveito de

nosso povo. Portanto, o amor não pode negligenciar o cultivo de sua própria felicidade no ministério da Palavra. Pedro coloca isto sob forma de mandamento: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados, olhando por ele; não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer; não por ganância, mas desejosos de servir (1Pe 5.2-3). “De livre vontade” e “desejosos de servir” são simplesmente palavras diferentes para “alegremente”.

Uma das razões pela qual o prazer no nosso trabalho é um elemento essencial do amor é que você não pode dar, de forma constante, aquilo que não possui. Se você não transmite alegria, você não apresenta o evangelho – você transmite legalismo. Um pastor que faz seu trabalho com “obediência” descontente, transmite este tipo de vida a seu rebanho e o nome disto é hipocrisia e escravidão legalista, não a liberdade daqueles cujo jugo é leve e cujo fardo é suave.

Outra razão é esta: um pastor que não vive, de forma patente, alegre em Deus, não o glorifica. Ele não é capaz de mostrar que Deus é glorioso, se, para ele, conhecer e servir a este Deus não traz alegria à sua alma. Um guia turístico nos Alpes que seja enfadonho e sem entusiasmo contradiz e desonra a grandiosidade das montanhas.

Portanto, Phillips Brooks estava certo em sua opinião que um pregador precisa se deleitar completamente em seu trabalho, para poder ser bem-sucedido, pois sua “alegria maior está na grande ambição posta diante dele, de glorificar o Senhor e salvar as almas dos homens. Nenhuma outra alegria na terra se compara a esta [...] Ao lermos a vida dos pregadores mais eficazes do passado, ou ao nos encontrarmos com pregadores da Palavra, influentes em nossos dias, sentimos quão indubitável e profundamente o exercício de seus ministérios lhes dá prazer.”<sup>8</sup>

Para que amemos as pessoas e glorifiquemos a Deus, o

contentamento na pregação é bíblicamente essencial – e estes são os dois grandes objetivos da pregação.

Mas quanta diferença há entre o gozo de Edwards na pregação e os sorrisos e as brincadeiras de tantos pastores, nos quais os fios do contentamento não estão entrelaçados com uma santa seriedade. Edwards disse: “Todos os sentimentos bondosos, que são o bom perfume de Cristo, e que enchem a alma do cristão com fragrância e doçura celestiais, são afeições de um coração quebrantado [...] Os desejos dos santos, por mais sérios que sejam, são desejos humildes: sua esperança é uma esperança humilde; sua felicidade, mesmo que seja indescritível e cheia de glória, é uma alegria humilde e de coração quebrantado [...]”<sup>9</sup> Há algo no peso cabal da nossa pecaminosidade, na grandeza da santidade de Deus e na importância do nosso chamado que deveria dar uma fragrância de seriedade humilde ao contentamento em nossa pregação.

Seriedade na pregação é apropriada, porque a pregação é o meio designado por Deus para a conversão de pecadores, o despertar da igreja e a preservação dos santos. Se a pregação falhar em seu dever, as conseqüências são infinitamente terríveis. “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio de sabedoria, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação” (1Co 1.21).

Deus salva pessoas da condenação eterna através da pregação. Paulo sente o peso esmagador desta responsabilidade, quando considera este ponto em 2Coríntios 2.15-16: “porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo. Para estes somos cheiro de morte; para aqueles, fragrância de vida. Mas quem está capacitado para tanto?”

É simplesmente estupendo pensar nisto – quando anuncio a Palavra, o destino eterno de pecadores está sus-

penso na balança. Se um pregador não se torna intensamente sério ao refletir sobre isso, as pessoas aprendem inconscientemente, que as realidades de céu e inferno não são coisa séria. Não posso deixar de pensar que é isto que está sendo comunicado ao povo, através da esperteza informal que provém de tantos púlpitos. James Denney disse: “Homem algum pode dar ao mesmo tempo a impressão de que ele é esperto e que Cristo é poderoso para salvar.”<sup>10</sup> John Henry Jowett disse: “Nunca alcançaremos o aposento mais secreto da alma de um homem mediante os expedientes de um bom apresentador ou de um brincalhão.”<sup>11</sup> Mesmo assim, muitos pregadores acreditam que precisam dizer algo atraente, esperto ou engraçado.

Na verdade, parece que existe entre os pregadores um medo de aproximar-se da seriedade radical de Chalmers. Já testemunhei ocasiões em que um grande silêncio começou a vir sobre uma congregação e o pregador, aparentemente de forma intencional, dissipou-o rapidamente com alguns gracejos despreocupados, o uso de um trocadilho ou um dito espiritualoso.

Parece que os risos substituíram o arrependimento como alvo de muitos pregadores. Risos significam que as pessoas estão se sentindo bem. Significam que gostam de você. Significam que você os comoveu. Significam que você tem poder em alguma medida. Significam que você tem todas as marcas de uma comunicação bem-sucedida – se deixarmos de fora os critérios da profundidade do pecado, da santidade de Deus, do perigo do inferno e da necessidade de corações quebrantados. Fui literalmente surpreendido em conferências onde pregadores mencionam a necessidade de reavivamento e, então, procedem ao cultivo de uma atmosfera na qual o avivamento nunca poderia acontecer. Recentemente li *Lectures on Revivals* (Palestras sobre Reavivamentos), de William Sprague, e as memórias de

Asahel Nettleton, poderoso evangelista no Segundo Grande Avivamento.

O despertar espiritual profundo e duradouro acontecido nestes reavivamentos foi acompanhado por uma seriedade do Espírito entre o povo de Deus. Vejamos algumas linhas das memórias de Nettleton:

“Outono de 1.812, South Salem, Connecticut: “Sua pregação produziu uma solenidade imediata nas mentes das pessoas [...] A seriedade rapidamente se alastrou pela região, e o tópico religião tornou-se tema absorvente de conversação”. Primavera de 1.813, North Lyme: “Não havia seriedade especial, quando ele começou seus labores. Mas uma solenidade profunda rapidamente permeou a congregação”. Agosto, 1.814, East Granby: “O efeito de sua entrada no local foi eletrizante. O prédio escolar [...] estava repleto de adoradores trêmulos. Solenidade e seriedade permearam a comunidade”.<sup>12</sup>

A primeiríssima coisa que Sprague menciona em seu capítulo sobre os meios de produzir e promover reavivamentos é a seriedade:

“Apelo a qualquer um de vocês que estiveram em um reavivamento, que testemunhem se uma solenidade profunda não permeava o cenário [...] E, se você, em tal momento, tivesse vontade de se divertir, não sentiu que aquele não era o lugar para tal? [...] Seria o pior absurdo pensar em prosseguir este tipo de obra, por meio de qualquer outro meio que não fosse marcado pela mais profunda seriedade, ou introduzir qualquer coisa que estivesse adaptada para despertar e nutrir as emoções mais leves, quando todos estes tipos de emoções deveriam ser espantados para fora da mente. Todas as piadas grotescas, modos de expressão, gestos e intentos ficam completamente fora de lugar, quando o Santo Espírito está se movendo nos corações da congregação. Tudo que for semelhante a isto o entristece e o afasta

de nós, pois contradiz diretamente a missão à qual ele veio – a de convencer pecadores de sua culpa e de renová-los no arrependimento”.<sup>13</sup>

A despeito desta realidade histórica, que parece ser tão óbvia pela própria natureza das coisas, até pregadores que lamentam a ausência de reavivamento em nossos dias parecem cativos a um comportamento leviano diante de um grupo de pessoas. Às vezes a leviandade parece ser a maior inimiga de uma obra espiritual verdadeira nos ouvintes.

Charles Spurgeon possuía um senso de humor profundo e robusto. Ele podia usá-lo com grande eficácia. Robertson Nicoll, no entanto, escreveu acerca de Spurgeon, três anos após a morte do grande pregador: “Evangelismo do tipo humorístico pode atrair multidões, mas reduz a alma a cinzas e destrói os genuínos embriões da religião. Spurgeon é considerado por aqueles que não conhecem seus sermões como um pregador humorista. Para dizer a verdade, não houve pregador cujo tom fosse mais informalmente sério, reverente e solene.”<sup>14</sup>

Spurgeon é um exemplo particularmente útil, pois ele acreditava profundamente no lugar apropriado do humor e riso na pregação. Ele disse aos seus estudantes: “Precisamos dominar – especialmente alguns de nós – nossa tendência à leviandade. Há uma grande distinção entre uma alegria santa, que é uma virtude, e aquela leviandade geral, que é um vício. Há uma leviandade que não tem coração suficiente para rir, mas graceja com tudo; é irreverente, oca, irreal. Um riso genuíno não é mais leviano do que um choro genuíno.”<sup>15</sup>

É uma característica da nossa época que nós, pregadores, sejamos muito mais adeptos do humor do que das lágrimas. Em Filipenses 3.18 o apóstolo Paulo falou com lágrimas a respeito dos pecadores, pois viviam suas vidas como

“inimigos da cruz de Cristo.” Sem este choro, nunca haverá o reavivamento do qual necessitamos, nem renovação espiritual profunda e duradoura.

Não viria um espírito de amor e convicção sobre a congregação se o pastor, com toda sua sinceridade e seriedade, comesse seu sermão de Páscoa sem uma piada ou uma história atraente, mas com as palavras de John Donne: “Que oceano seria capaz de fornecer aos meus olhos lágrimas suficientes para que eu derramasse, só de pensar que não encontrarei nenhum, de toda esta congregação que olha para minha face neste momento, na ressurreição, à mão direita de Deus?”<sup>16</sup>

Seriedade e sinceridade na pregação são apropriadas, não apenas (como já vimos) porque a pregação é instrumento de Deus para o importante serviço de salvar pecadores, reavivando sua Igreja, mas também por ser instrumento de Deus para preservar os santos. Paulo diz em 2Timóteo 2.10: “Por isso, tudo suportar por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna.” O labor em favor dos eleitos, portanto, não é cobertura de glâçê do bolo de sua eterna segurança. É o meio apontado por Deus para mantê-los seguros. Eterna segurança é um projeto comunitário (Hb 3.12-13) e a pregação faz parte do poder protetor. Deus chama eficazmente por meio da Palavra e preserva os chamados eficazmente pela Palavra.

Podemos dizer que a segurança eterna é certa para o cristão e, ao mesmo tempo, evitar uma perspectiva mecânica que drena a seriedade radical do ministério semanal de pregação aos santos. Biblicamente, Deus usa a aplicação sincera dos meios de graça para manter seu povo seguro; um destes meios é a pregação da Palavra de Deus. Céu e inferno estão em jogo todo domingo, não somente pela presença de descrentes no culto, mas também porque nosso

povo está salvo “desde que continuem alicerçados e firmes na fé” (Cl 1.23). Paulo conecta a constância da fé com a pregação da Palavra de Deus no evangelho (Rm 10.17).

Certamente, cada pregador deveria dizer com toda seriedade: “Quem está capacitado a estas coisas” –salvar pecadores, reavivar a igreja, preservar os santos! Portanto, repito minha tese: alegria e seriedade deveriam estar entretidas na vida e na pregação de um pastor, de forma a tornar sensata a alma negligente e a suavizar os fardos dos santos. O amor às pessoas trata realidades apavorantes de forma leviana (por esta razão, sobriedade), e o amor às pessoas também não consegue sobrecarregá-las com o peso da obediência triste (conseqüentemente, alegria). Seguem sete sugestões práticas para que você cultive a seriedade e a alegria em sua pregação.

Primeira: empenhe-se em obter uma santidade prática, sincera, de coração alegre, em todas as áreas de sua vida. Uma das razões é que você não pode ser no púlpito algo que não é durante a semana – pelo menos, não por muito tempo. Você não pode ser totalmente sincero no púlpito e freqüentemente irreverente na reunião com a liderança e no jantar da Igreja. Nem pode expor a glória de Deus na alegria de sua pregação, se for grosseiro, sombrio e descortês durante a semana. Não se esforce para ser um determinado tipo de pregador. Empenhe-se por ser um tipo de pessoa!

Segunda: torne sua vida – especialmente sua vida de estudos – uma vida de constante comunhão com Deus em oração. O aroma de Deus não permanece por muito tempo sobre uma pessoa que não se demora em sua presença. Richard Cecil disse que “a principal deficiência nos ministros cristãos é a pobreza do hábito devocional.”<sup>17</sup> Somos chamados ao ministério da Palavra e da oração, porque sem oração o Deus de nossos estudos será o Deus que não assusta, que não inspira, oriundo de uma prática acadêmica artilosa.

Estudo frutífero e oração fervorosa vivem e morrem juntos. B. B. Warfield uma vez escutou alguém dizer que dez minutos de joelhos trazem um conhecimento mais preciso e profundo de Deus do que dez horas de estudo. Sua reação foi extremamente correta: “O quê? Dez minutos de joelhos valem mais do que dez horas de estudos?”<sup>18</sup> O mesmo deveria ser verdadeiro quanto à preparação de nossos sermões. A regra de Cotton Mather, ao escrever seu sermão, era parar ao final de cada parágrafo para orar, examinar-se e tentar fixar em seu coração alguma impressão santa decorrente do tema.<sup>19</sup> Sem este espírito de oração constante, não podemos manter a seriedade e a alegria que gravitam nos arredores do trono da graça.

Terceira: leia livros escritos por aqueles que têm a Bíblia em seu sangue, e que são totalmente sinceros com a verdade que discutem. De fato, recebi como um “conselho que muda vidas” o que nos disse um professor sábio, para acharmos um grande teólogo evangélico e mergulhar em sua vida e seus escritos. É extraordinário o efeito que a convivência com Jonathan Edwards causou em minha vida, mês após mês, desde os meus dias de seminário. Através dele pude encontrar meu caminho para os homens mais sinceros do mundo – Calvino, Lutero, Bunyan, Burroughs, Bridges, Flavel, Owen, Charnock, Gurnall, Watson, Sibbes e Ryle! Ache os livros que são radicalmente sérios sobre Deus e você descobrirá que eles conhecem o caminho da verdadeira alegria, com mais exatidão do que muitos guias contemporâneos.

Quarta: conduza sua mente, com frequência, a contemplar a morte. Ela é absolutamente inevitável; se o Senhor tardar, e é extremamente momentoso que reflitamos a seu respeito. Não refletir sobre suas implicações na vida é inteiramente ingênuo. Edwards era o homem que era – com profundidade e poder (e onze filhos crentes!) – por ter feito este tipo de resolução, quando jovem:

“9. *Resolvido*. Pensarei muito, em todas as ocasiões, a respeito da minha morte, e a respeito das circunstâncias comuns que acompanham a morte.

55. *Resolvido*. Esforçar-me-ei ao máximo para agir como acho que devo, como se já tivesse visto a felicidade do céu e os tormentos do inferno.”<sup>20</sup>

Todo funeral que realizo é uma experiência que traz profunda seriedade. Sento-me diante de minha mensagem e me imagino, ou à minha esposa, ou aos meus filhos, dentro daquele caixão. Morte e doença têm um jeito espantoso de soprar o nevoeiro da trivialidade para fora da vida, substituindo-o pela sabedoria da seriedade e do contentamento, na esperança da alegria da ressurreição.

Quinta: considere o ensinamento bíblico de que, como pregador, você será julgado com maior severidade. “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor” (Tg 3.1). O escritor de Hebreus diz acerca dos pastores: “Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas.” (13.17). E Paulo coloca este fato da forma mais portentosa possível, quando em Atos 20 ele diz ao povo, ao qual instruiu em Éfeso: “Estou inocente do sangue de todos. Pois não deixei de proclamar-lhes toda a vontade de Deus” (At 20.26-27). Evidentemente, não ensinar o conselho de Deus em sua totalidade pode deixar o sangue de nosso povo em nossas mãos. Se considerarmos estas coisas como devemos, a importância da responsabilidade e a alegria de vermos um resultado positivo moldarão tudo o que fizermos.

Sexta: considere o exemplo de Jesus. Ele era tão gentil e compassivo quanto um homem justo poderia ser. Ele não era melancólico. Disseram que João Batista tinha demônios; disseram que Jesus era glutão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores. Ele não era um

desmancha-prazeres psicopata, mas homem de dores e familiarizado com a aflição. Nunca pregou um sermão despreocupadamente, e não há registro de uma única palavra descuidada. Até onde sabemos, nunca contou uma piada, e todo o seu humor era a bainha da espada radicalmente séria da verdade. Jesus é o grande exemplo para pregadores – a multidão o escutava com alegria, as crianças sentavam-se em seu colo, as mulheres eram honradas. Mesmo assim, ninguém na Bíblia jamais falou mais vezes sobre inferno, isto nos termos mais horríveis.

Sétima: empenhe-se com todas as suas forças em conhecer a Deus e se humilhar debaixo de sua mão poderosa (1Pe 5.6). Não fique satisfeito apenas em guiar as pessoas por entre as montanhas que ficam no sopé da montanha da glória de Deus. Torne-se um alpinista nos rochedos íngremes da majestade de Deus. Permita que a verdade o inunde a ponto de jamais exaurir as alturas de Deus. Toda vez que você escala, uma borda de discernimento se estende diante de você e desaparece nas nuvens, milhares de quilômetros de beleza maciça no caráter beleza de Deus. Comece a escalar e reflita que os descobrimentos no Ser infinito de Deus, durante anos eternos, irão diminuir seu contentamento na glória de Deus ou entorpecer o brilho da intensidade da seriedade de sua presença.

<sup>1</sup> Jonathan Edwards, “The True Excellency of a Gospel Minister”, *Banner*, 2:958.

<sup>2</sup> Jonathan Edwards, *The Great Awakening*, ed. C. Goen, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven: Yale University Press, 1.972), 4:272. Esta edição será citada, daqui em diante, como *Yale*.

<sup>3</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:clxxxix.

<sup>4</sup> *Ibid.*, 1:cxc.

<sup>5</sup> Steward, *Heralds of God*, 102.

<sup>6</sup> Andrew W. Blackwood, ed. *The Protestant Pulpit* (Grand Rapids: Baker Book House, 1.977), 311.

<sup>7</sup> James W. Alexander, *Thoughts on Preaching* (Edinburgh: Banner of Truth, 1.975), 264.

<sup>8</sup> Brooks, *Lectures*, 82-83.

<sup>9</sup> Jonathan Edwards, *Religious Affections*, ed. John E. Smith, in *Yale* (1.959), 2:339.

<sup>10</sup> Citado em Stott, *Between Two Worlds*, 325.

<sup>11</sup> John H. Jowett, *The Preacher: His Life and Work* (New York: Harper, 1.912), 89.

<sup>12</sup> Bennet Tyler e Andrew Bonar, *The Life and Labors of Asabel Nettleton* (Edinburgh: Banner of Truth, 1.975), 65, 67, 80.

<sup>13</sup> William Sprague, *Lectures on Revivals of Religion* (Londres: Banner of Truth, 1.959), 119-20. O restante desta passagem, embora não incluída aqui, é igualmente poderosa.

<sup>14</sup> Citado em Murray, *Forgotten Spurgeon*, 38.

<sup>15</sup> Spurgeon, *Lectures*, 212.

<sup>16</sup> Citado em Steward, *Heralds of God*, 207.

<sup>17</sup> Citado em Charles Bridges, *The Christian Ministry* (Edinburgh: Banner of Truth, 1.976), 214.

<sup>18</sup> B.B. Warfield, “The Religious Life of Theological Students”, in Mark Noll, ed. *The Princeton Theology* (Grand Rapids: Baker Book House, 1.983), 263.

<sup>19</sup> Bridges, *Christian Ministry*, 214.

<sup>20</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:xx, xxii.

PARTE 2

COMO TORNAR DEUS  
SUPREMO NA PREGAÇÃO

## orientações do ministério de Jonathan Edwards

Quando eu estava no seminário, um professor sábio me disse que, juntamente com a Bíblia, precisaria escolher um grande teólogo e me dedicar, durante minha vida, a entender e dominar seu pensamento, mergulhando, de preferência, pelo menos a um palmo de profundidade em sua realidade, em vez de constantemente beliscar a superfície das coisas. Que eu deveria, algum dia, ser capaz de “conversar” com este teólogo na condição de colega, e introduzir outras idéias em nosso diálogo frutífero. Foi um bom conselho.

O teólogo ao qual me tornei afeiçoado foi Jonathan Edwards. Devo-lhe mais do que poderia explicar. Nutriu minha alma com a beleza de Deus, com santidade e com o céu quando todas as outras portas pareciam estar fechadas para mim. Renovou minha esperança e minha visão de ministério em tempos de grande abatimento. Abriu, freqüentemente, a janela para o mundo do Espírito, quando tudo o que eu podia ver eram as cortinas do secularismo. Mostrou-me a possibilidade de combinar pensamentos rigorosamente exatos sobre Deus com afeição calorosa por ele. Edwards incorpora a verdade de que a teologia existe para a doxologia. Ele podia passar manhãs inteiras em

oração, andando pelos bosques fora de Northampton. Possuía paixão pela verdade e por pecadores perdidos. Todas estas coisas floresciam no seu pastorado. Edwards possuía, sobretudo, paixão por Deus, este é o motivo pelo qual ele se torna tão importante, quando focalizamos a supremacia de Deus na pregação.

Edwards pregou daquela maneira, por causa do homem que foi e do Deus que viu. Os capítulos seguintes tratarão, consecutivamente, da vida, da teologia e da pregação de Edwards.

## mantenha Deus no centro

A VIDA DE EDWARDS

Jonathan Edwards nasceu em 1.703 em Windsor, Connecticut. Seu pai era pastor na cidade e ensinou latim a seu único filho, quando completou seis anos. Aos 12 Jonathan foi mandado para a Universidade de Yale. Cinco anos mais tarde, graduou-se com honra e proferiu seu discurso de despedida em latim.

Estudou para o ministério em Yale, por mais dois anos, aceitando, em seguida, um breve pastorado numa Igreja Presbiteriana de Nova York. Começando em 1.723, Edwards lecionou em Yale por três anos. A seguir, veio o chamado para a Igreja Congregacional de Northampton, Massachusetts. Seu avô, Solomon Stoddard, havia sido pastor daquela igreja por mais de meio século. Este escolheu Edwards para ser seu aprendiz e sucessor. A parceria começou em fevereiro de 1.727. Stoddard morreu em 1.729. Edwards permaneceu como pastor até 1.750 – um relacionamento de 23 anos.

No ano de 1.723 Edwards se apaixonou por uma menina de 13 anos, cujo nome era Sarah Pierrepont. Sarah realmente provou que era a mulher que poderia compartilhar do êxtase religioso de Edwards. Na primeira página de sua gramática

grega, ele escreveu o único tipo de canção de amor de que seu coração era capaz: “Dizem haver uma juvenzinha (em New Haven) que é amada pelo Grande Ser que fez e governa o mundo [...] Ela, às vezes, vagueia de lugar em lugar, cantando docemente, e parece estar sempre cheia de alegria e satisfação; e ninguém sabe por quê. Ela gosta de andar sozinha pelos campos e bosques, e parece ter sempre alguém invisível conversando com ela.”<sup>1</sup>

Quatro anos mais tarde, cinco meses após a posse em Northampton, eles se casaram. Tiveram 11 filhos (oito filhas e três filhos). Todos eles honraram seu pai e não trouxeram vergonha sobre a família, apesar de terem um pai que gastava em média 13 horas por dia estudando.

Edwards nunca praticou a visitação pastoral regular entre seu povo (620 comungantes em 1.735). Ele o visitava, quando era chamado pelos doentes. Pregava freqüentemente em reuniões particulares em vizinhanças específicas. Catequizava as crianças. Encorajava qualquer um que tivesse convicção religiosa a vir a ele, em seu escritório, para aconselhamento. Em sua própria opinião, não era uma pessoa sociável; acreditava ainda que poderia fazer o maior bem à alma dos homens e melhor promover a causa de Cristo, pela pregação e pela escrita.<sup>2</sup> Em seus primeiros anos, no mínimo, no pastorado em Northampton, Edwards pregava dois sermões por semana, um no domingo e um num dia de semana à noite. Os sermões, naqueles dias, geralmente tinham uma hora de duração, mas podiam durar consideravelmente mais.

Quando ainda estava na faculdade, Edwards havia escrito 70 resoluções. Já vimos algumas delas, entre as quais havia uma que dizia: “*Decidido*. Viverei com todas as minhas forças, enquanto viver”.<sup>3</sup> Para ele, isto significava uma devoção apaixonada ao estudo teológico. Mantinha um horário de estudo extremamente rigoroso. Ele achava que

“Cristo recomendou o levantar cedo de manhã, pelo fato de ter ressuscitado e saído de sua sepultura de madrugada”.

<sup>4</sup> Assim, ele se levantava geralmente entre quatro e cinco da manhã para ir à sua sala de estudos. Sempre estudava com a caneta na mão, refletindo sobre todas as perspectivas que lhe vinham à mente, registrando-as em seus inúmeros cadernos de anotações. Até durante suas viagens alfinetava pedaços de papel no paletó para lembrar-se posteriormente das percepções que lhe ocorriam durante as mesmas.

À noite, quando a maioria dos pastores geralmente se encontra exausto no sofá de casa, ou numa reunião da comissão de finanças, Edwards voltava a seu escritório, após uma hora com seus filhos, depois do jantar. Havia exceções. No dia 22 de janeiro de 1.734 escreveu em seu diário: “Julgo que é melhor, quando estou com uma disposição mental favorável para a divina contemplação [...] que eu não seja interrompido para ir jantar; prefiro privar-me do meu jantar a ser interrompido.”<sup>5</sup>

Parece soar não muito saudável, especialmente para alguém cuja estrutura de 1,85 m nunca foi robusta. Mas Edwards vigiava sua alimentação e exercícios com muita atenção. Tudo era calculado para otimizar sua eficiência e poder no estudo. Abstinha-se de toda e qualquer quantidade e tipo de alimento que o faria doente ou sonolento. No inverno, exercitava-se rachando lenha; no verão, cavalgava e andava pelos campos.

A respeito destas caminhadas pelos campos, ele um dia escreveu: “Às vezes, em dias límpidos, me percebo mais particularmente inclinado às glórias do mundo do que a me dirigir ao meu escritório, para estudar a sério as coisas da religião”.<sup>6</sup> Portanto, ele também tinha seus conflitos. Porém, para Edwards, não era um conflito entre a natureza e Deus, mas entre duas experiências diferentes de Deus:

“Uma vez, em 1.737, ao cavalgar nos bosques por causa de minha saúde, tendo desmontado de meu cavalo em lugar afastado, como geralmente faço, para andar e para contemplação divina e oração, tive uma visão, que para mim foi extraordinária, da glória do filho de Deus, como Mediador entre Deus e o homem, e da sua maravilhosa, grande, plena, pura e doce graça, e do seu amor e de sua condescendência mansa e gentil [...] isto durou, no que posso avaliar, por mais ou menos uma hora; e me deixou na maior parte do tempo em um mar de lágrimas, chorando em alta voz.”<sup>7</sup>

Edwards possuía um amor extraordinário pela glória de Deus na natureza. Os efeitos positivos deste amor sobre sua capacidade de se deleitar na grandeza de Deus e nas imagens que ele empregava em sua pregação foram tremendos.

Edwards cometeu alguns erros pastorais sérios, os quais acenderam o estopim que explodiu na sua exoneração da igreja. Por exemplo, em 1.744 ele implicou alguns jovens, que eram inocentes, num escândalo que envolvia obscenidades. Mas o que causou o fim do pastorado de Edwards foi seu repúdio corajoso e público a uma antiga tradição da Nova Inglaterra. A mesma sustentava que a profissão de fé salvadora não era necessária para que alguém participasse da Ceia do Senhor. Seu avô havia defendido, por muito tempo, a prática de admitir-se à Ceia do Senhor pessoas que não professavam a fé ou não possuíam evidência de terem sido regeneradas. Stoddard via a Ceia como uma ordenança para transformação das pessoas. Edwards rejeitou este conceito, por considerá-lo antibíblico, e escreveu um livro para defender sua causa. Mas, na sexta-feira, 22 de junho de 1.750, a decisão de sua exoneração foi lida, e no dia primeiro de julho Edwards pregou seu sermão de despedida. Tinha 46 anos de idade e havia servido sua Igreja metade de sua vida.

Durante todos esses anos ele havia sido a principal centelha humana para a divina eletricidade que causou o Grande Avivamento na Nova Inglaterra. Houve períodos incomuns de reavivamentos, especialmente nos anos de 1.734 a 1.735 e 1.740 a 1.742. Quase todas as obras de Edwards, publicadas durante seus dias em Northampton, eram devotadas a interpretar, defender e promover o que ele acreditava ser uma surpreendente obra de Deus, e não uma histeria meramente emocional. Isto deveria ajudar-nos a lembrar que a pregação de Edwards geralmente tinha uma audiência mais extensa que sua própria paróquia. Ele sempre tinha em mente o Reino de Cristo sobre a terra e sabia que sua voz estava causando repercussão para além das fronteiras de Northampton. Alguns de seus trabalhos foram publicados na Grã-Bretanha, antes de serem publicados em Boston.

Depois de sua exoneração de Northampton, ele aceitou um convite para ir a Stockbridge, Massachusetts ocidental, como pastor da igreja e missionário entre os índios. Trabalhou ali até 1.758, quando saiu para ser presidente da Universidade de Princeton.

Estes sete anos, no longínquo Stockbridge, foram imensamente produtivos para Edwards e em 1.757, ele estava começando a se sentir em casa. Por este motivo, no dia 19 de outubro de 1.757, depois de ter sido chamado à presidência de Princeton, Edwards escreveu aos Curadores da Universidade, visando convencê-los de que ele era desqualificado para o serviço. Disse: “Tenho uma constituição física, em vários aspectos, peculiarmente desventurada, acompanhada de flacidez em alguns membros, fluidos insípidos e escassos e depressão de ânimo, ocasiona que, freqüentemente, um tipo de fraqueza infantil e desprezível no falar, na presença e na conduta, uma melancolia e dureza desagradáveis, que me tornam inepto

para a conversação, e muito mais especialmente para o governo de um estabelecimento de ensino superior”.

Ele acrescentou: “Também sou deficiente em algumas áreas do conhecimento, particularmente em álgebra, e nas partes mais elevadas da matemática dos clássicos gregos; meu aprendizado foi somente do grego do Novo Testamento”. É de se admirar como ele conseguiu preservar seu conhecimento do hebraico durante os 30 anos de labor pastoral, pois diz ele que nunca gostaria de gastar seu tempo ensinando línguas: “A menos que seja a língua hebraica, na qual eu estaria disposto a me aperfeiçoar, instruindo outros”. Mas era típico de Edwards, aos 54 anos de idade, ter vontade de aperfeiçoar sua compreensão das línguas bíblicas. Falou sobre os livros que planejava escrever e então apelou por liberação para fazer o que seu coração ansiava: “Meu coração está tão profundamente ligado a estes estudos que não consigo persuadir-me a desistir deles daqui para a frente”.<sup>8</sup>

Assim, quando o conselho de ministros que Edwards chamou pessoalmente para Stockbridge votou que era seu dever aceitar a presidência, Edwards chorou abertamente diante deles, mas aceitou o que aconselhavam. Ele partiu quase que imediatamente, e chegou a Princeton em janeiro de 1.758. No dia 13 de fevereiro foi vacinado contra varíola com aparente sucesso. Mas uma febre subsequente apoderou-se dele, e grandes pústulas se formaram em sua garganta, que o impediram de tomar a medicação. Ele morreu, assim, em 22 de março de 1.758, aos 54 anos.

Suas últimas palavras aos seus amigos pesarosos e assustados ao lado de sua cama foram: “Confie em Deus e você não precisará temer”.<sup>9</sup> Sua grande confiança na bondade soberana de Deus possivelmente encontrou sua expressão mais eloqüente na força de sua esposa. Ela recebeu o recado da morte de seu marido, através de uma carta do seu médico. A primeira resposta que escreveu numa carta à

sua filha Éster, no dia 3 de abril, duas semanas depois da morte de Edwards, foi esta:

“Minha filha querida!

O que posso dizer? Um Deus santo e bondoso nos cobriu com uma nuvem escura. Oh, que possamos beijar o bordão que nos fere e colocar nossas mãos à boca! O Senhor fez isto. Ele me fez adorá-lo por sua bondade, por nos permitir que tivéssemos seu pai por tanto tempo. Mas meu Deus vive; e ele tem meu coração. Oh, que legado meu marido e seu pai nos deixou! Estamos todos nas mãos de Deus, e ali estou, e desejo estar.

Sua mãe carinhosa,  
SARAH EDWARDS”.<sup>10</sup>

<sup>1</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:xxxix.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 1:xxxviii.

<sup>3</sup> *Ibid.*, 1:xx.

<sup>4</sup> *Ibid.*, 1:xxxvi.

<sup>5</sup> Divight, *Memoiss* in *Banner*, 1:xxxix.

<sup>6</sup> Elisabeth Dodds, *Marriage to a Difficult Man: The “Uncommon Union” of Jonathan And Sarah Edwards* (Philadelphia: Westminster, 1.971), 22.

<sup>7</sup> Jonathan Edwards: *Selections*, eds., C. H. Faust and T. Johnson (Nova York: Hill and Wang, 1.935), 69. Citado daqui em diante como *Selections*.

<sup>8</sup> Edwards, *Memoirs*, in *Banner*, 1:clxxiv-clxxv.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 1:clxxvii.

<sup>10</sup> Edwards, *Memoirs*, in *Banner*, 1:clxxiv-clxxv.

submeta-se à doce soberania  
A TEOLOGIA DE EDWARDS

O *que* Jonathan Edwards pregava e *como* ele pregava eram extensões de sua visão de Deus. Portanto, antes de examinar a sua pregação, precisamos ter um vislumbre dessa visão. Em 1.735, Edwards pregou um sermão baseado no texto: “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus” (Sl 46.10). Do texto ele desenvolveu o seguinte tema: “Deus não requer de nós que nos submetamos contrariando a razão, mas que nos submetamos, vendo a razão e a base desta submissão. Conseqüentemente, a mera consideração de *que Deus é Deus* pode muito bem ser o suficiente para aquietar todas as objeções e oposições contra as disposições soberanas divinas”.<sup>1</sup>

Quando Jonathan Edwards se aquietou e contemplou a grande verdade de que *Deus é Deus*, viu um Ser majestoso cuja simples existência subentendia poder infinito, conhecimento infinito, e santidade infinita. Ele prosseguiu, raciocinando:

“É muitíssimo evidente pelas obras de Deus, que seu entendimento e poder são infinitos [...] Sendo ele infinito em entendimento e poder, também deve ser perfeitamente santo; pois impiedade sempre demonstra

alguns defeitos, alguma cegueira. Onde não há escuridão ou engano, não pode haver impiedade [...] Deus, sendo infinito em poder e conhecimento, precisa ser auto-suficiente e todo-suficiente; portanto, é impossível ele cair em qualquer tentação e fazer qualquer coisa inoportuna; pois ele não terá qualquer objetivo em fazê-lo [...] portanto, Deus é essencialmente santo, e nada é mais impossível do que Deus fazer algo errado.”<sup>2</sup>

Para Edwards, o poder infinito, ou a soberania absoluta de Deus, era o fundamento da suficiência plena de Deus. E sua suficiência plena era o fundamento de sua perfeita santidade, e Edwards disse em sua obra *A Treatise Concerning Religious Affections* (Um tratado sobre as emoções religiosas) que a santidade de Deus compreende toda sua excelência moral. Portanto, para Edwards, a soberania de Deus era altamente crucial para qualquer outra coisa que ele acreditava acerca de Deus.<sup>3</sup>

Aos 26 ou 27 anos de idade, lembrando-se do tempo em que havia se apaixonado pela doutrina da soberania de Deus, nove anos atrás, Edwards escreveu: “Houve uma mudança maravilhosa em minha mente, com respeito à doutrina da Soberania de Deus, daquele dia até hoje [...] a absoluta soberania de Deus [...] é aquilo em que minha mente parece descansar confiantemente, e é tão real para mim quanto qualquer coisa que eu possa ver com meus olhos [...] esta doutrina tem se mostrado muitas vezes extremamente agradável, radiante e doce. Tenho grande deleite em atribuir absoluta soberania a Deus [...] a soberania de Deus sempre me pareceu ser uma grande parte de sua glória. Sempre me deleito em me aproximar de Deus e adorá-lo como um Deus soberano”.<sup>4</sup>

Quando Edwards contemplava a Deus e se encontrava arrebatado por sua absoluta soberania, ele não via esta realidade isoladamente. Ela era parte da glória de Deus.

Era doce para Edwards, por ser parte substancial e vital de uma Pessoa infinitamente gloriosa, a qual ele amava com tremenda paixão.

Duas inferências se seguem a esta visão de Deus. A primeira inferência é que a finalidade de tudo o que Deus faz é confirmar e manifestar a sua glória. Todas as ações de Deus fluem em conseqüência de abundância, não de insuficiência. A maioria das ações humanas é praticada pela necessidade de compensar uma deficiência ou suprir alguma carência em nós mesmos. Deus nunca dá passos para suprir sua insuficiência. Ele não executa medidas terapêuticas. Como fonte soberana absoluta e de suficiência plena, todas as suas ações são o transbordar de sua plenitude. Ele nunca age para acrescentar algo à sua glória, mas somente para confirmá-la e manifestá-la. (Este tema encontra-se habilmente desenvolvido em outro trabalho dele, *Dissertation Concerning the End for Which God Created the World* [Discurso sobre o propósito pelo qual Deus criou o mundo]).<sup>5</sup>

A outra inferência proveniente de sua visão de Deus é que o dever do homem é *deleitar-se* em Sua glória. Destaco intencionalmente a palavra *deleite*, porque muitas pessoas nos dias de Edwards, e também em nossos dias, estão inclinadas a dizer que o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre, mas, em geral, consideram o prazer em Deus como opcional, não compreendem, juntamente com Edwards, que o fim principal do homem é glorificar a Deus pela *ação* de gozá-lo para sempre.

Deleite é o que Edwards denominava um “sentimento” (podemos dizer emoção). Escreveu *A Treatise Concerning Religious Affections* (Um tratado sobre as emoções religiosas) para elaborar um ponto muito importante: “A religião verdadeira consiste, em grande parte, de sentimentos santos.” Ele definiu sentimento como “os mais vigorosos e sensíveis exercícios da inclinação e vontade da alma”<sup>6</sup> –

coisas como ódio, desejo, alegria, deleite, tristeza, esperança, medo, gratidão, compaixão e zelo.

Quando falamos que deleitar-se em Deus é nosso dever, devemos estar cômicos de que isto não é simples. Uma forte inclinação do coração humano sempre inclui outros sentimentos. Deleite na glória de Deus, por exemplo, inclui *ódio* para com o pecado, *medo* de desagradar a Deus, *esperança* nas promessas de Deus, *contentamento* na comunhão com Deus, *desejo* pela revelação final do Filho de Deus, *exultação* na redenção que ele efetuou, *tristeza e contrição* por falhas no amor, *gratidão* por benefícios imerecidos, *zelo* pelos desígnios de Deus, e *fome* de justiça. Nosso dever para com Deus é que todos os nossos sentimentos correspondam apropriadamente à sua realidade e, assim, reflitam sua glória.

Edwards estava completamente convencido de que não há verdadeira religião sem sentimentos santos. “Aquele que não possui sentimentos religiosos está num estado de morte espiritual e completamente destituído de influências vivificantes, vindas do Espírito de Deus”.<sup>7</sup>

Mas não somente isto; não há verdadeira religião (ou santo verdadeiro) onde não há *perseverança* nos sentimentos santos. Perseverança é a marca dos eleitos e necessária para a salvação final. “Aqueles que não querem viver vidas piedosas descubrem, por si mesmos, que não são eleitos; aqueles que querem viver vidas piedosas descobriram, por si mesmos, que são eleitos”.<sup>8</sup>

Edwards acreditava na justificação pela fé e refletiu muito sobre como esta se relacionava com a perseverança. Mas a grande questão daquele tempo, e também nos dias de hoje, é esta: o que é fé? Edwards afirmou dois fatos cruciais. Primeiro: a fé salvadora inclui “fé na verdade e uma disposição responsiva do coração.” Visto que a fé é uma disposição responsiva do coração, não é algo diferente dos

sentimentos. Fé é “a alma abraçando plenamente a revelação de Jesus Cristo como nosso Salvador.” Este abraçar é um abraçar de amor: “A fé surge [...] de um princípio de amor divino” (cf. 1Co 13.7; Jo 3.19; 5.42). “Amor a Deus é o principal objeto da fé salvadora.” Em outras palavras, a fé surge “de experimentarmos e apreciarmos o que é excelente e divino”.<sup>10</sup> Portanto, deleitar-se em Deus é a raiz da fé; a fé é uma expressão essencial de nosso deleite em Deus. Contrariamente a muitos ensinamentos contemporâneos, a fé salvadora não é, de modo algum, uma mera decisão da vontade separada dos sentimentos.

Em segundo lugar, a fé salvadora é fé perseverante. “Pois Deus considera a perseverança como algo que virtualmente faz parte do primeiro ato (da fé salvadora). E a perseverança tem sido vista como uma propriedade daquela fé pela qual o pecador é, então, justificado”.<sup>11</sup> Em outras palavras, o primeiro ato da fé salvadora é como o fruto do carvalho que tem dentro de si o carvalho em expansão, com toda perseverança subsequente que a Bíblia diz ser necessária para a salvação final. Somos justificados pela fé, de uma vez para sempre, na nossa conversão, mas precisamos (e certamente iremos) também perseverar nos sentimentos santos que nos foram dados em forma de semente na nossa conversão.

Por esta razão, Edwards afirmou que: “a necessidade de pessoas que exercitem com esmero e diligência o perseverar para a salvação é tão grande quanto a necessidade de sua atenção e diligência em se arrependerem e serem convertidas”.<sup>12</sup> Este conceito tinha grandes implicações na maneira como Edwards pregava. Ele via a pregação como um meio da graça para ajudar os santos a perseverar, via a perseverança como necessária para a salvação final. Por este motivo, cada sermão é um “sermão para salvação” – não somente pelo seu propósito de converter pecadores, mas também pelo objetivode preservar os sentimentos santos

dos crentes e, assim, habilitá-los a confirmar seu chamado e eleição, e serem salvos.

Resumindo, portanto, quando Jonathan Edwards sossegou e reconheceu que Deus é Deus, a visão perante seus olhos foi de um Deus totalmente soberano, auto-suficiente e todo-suficiente, infinito em santidade e, portanto, perfeitamente glorioso. As ações de Deus nunca são motivadas para satisfazer suas deficiências (já que ele não tem nenhuma), mas sempre para manifestar sua suficiência (que é infinita). Ele faz o que faz, por causa de sua glória. Nossa obrigação e nosso privilégio, portanto, é nos moldar a este objetivo e refletir o valor da glória de Deus, deleitando-nos nesta glória. Nosso chamado e nossa alegria são tornar visível a graça gloriosa de Deus, confiando nele de todo nosso coração, enquanto vivemos.

<sup>1</sup> Jonathan Edwards, “The Sole Consideration, that God is God, Sufficient to Still All Objections to His Sovereignty,” in *Banner*, 1:107.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 2:107-8.

<sup>3</sup> Jonathan Edwards, *A Treatise Concerning Religious Affections*, in *Banner*, 1:279.

<sup>4</sup> *Selections*, 59, 67.

<sup>5</sup> *Banner*, 1:94-121.

<sup>6</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:237.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 1:243.

<sup>8</sup> Jonathan Edwards, *Miscellaneous Remarks Concerning Satisfaction for Sin*, in *Banner*, 2:569.

<sup>9</sup> Jonathan Edwards, *Miscellaneous Remarks Concerning Satisfaction for Sin*, in *Banner*, 2:569.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 2:578-95. Essas observações e muitas argumentações similares se encontram espalhadas nos apontamentos de Edwards nesta seção.

<sup>11</sup> Jonathan Edwards, *Miscellaneous Remarks Concerning Efficacious Grace*, in *Banner*, 2:548.

<sup>12</sup> Jonathan Edwards, *Miscellaneous Remarks Concerning of the Saints*, in *Banner*, 2:596.

## torne Deus supremo

### A PREGAÇÃO DE EDWARDS

Que tipo de pregação se origina da visão que Edwards teve de Deus? Que tipo de pregação Deus usou para atear o Grande Avivamento na Nova Inglaterra durante o ministério de Edwards em Northampton? Avivamento espiritual certamente é uma obra soberana de Deus. Mas ele usa meios para promovê-la, especialmente a pregação. “Por sua decisão ele nos gerou *pela palavra da verdade*” (Tg 1.18, ênfase adicionada). “Agradou a Deus salvar aqueles que crêem *por meio da loucura da pregação*” (1Co 1.21, ênfase adicionada).

A essência da pregação de Edwards pode ser encontrada em dez características, as quais são tão valiosas para os nossos próprios dias, que serão apresentadas como desafios relevantes, e não somente como fatos sobre Edwards. Estas características podem ser encontradas na maneira como ele pregava, bem como nos seus comentários ocasionais sobre pregação.

#### Desperte sentimentos santos

Uma boa pregação tem como objetivo encorajar “emoções santas” tais como ódio para com o pecado, deleite

em Deus, esperança em suas promessas, gratidão por sua misericórdia, desejo de santidade e compaixão terna. A razão para isto é o fato de que a ausência de santas emoções nos cristãos é detestável. “Os acontecimentos de ordem religiosa são tão importantes que, se não forem intensos e poderosos, não terão aplicações adequadas em nossos corações, por causa de sua natureza ou importância. Em nenhuma outra coisa o vigor no desempenho das nossas inclinações é mais requisitado do que na religião; e em nenhuma outra coisa a mornidão é tão detestável”.<sup>1</sup> Em outro lugar Edwards comentou: “Se a religião verdadeira se encontra em grande parte nos *sentimentos*, podemos concluir que esta maneira de pregar a palavra [...] tendo a tendência profunda de afetar o coração dos ouvintes [...] deve ser grandemente desejada”.<sup>2</sup>

Naturalmente o digníssimo clero de Boston isto é, os pastores daquela cidade, considerou altamente perigoso atingir as emoções desta maneira. Por exemplo, Charles Chauncy denunciou que “era um fato muito claro que se apelava para as paixões, de forma geral, naqueles dias, como se o mais importante na religião fosse lançá-las em confusão”.<sup>3</sup> A resposta de Edwards foi habilidosa e equilibrada:

Não creio que ministros devam ser acusados de elevar as emoções de seus ouvintes em demasia, se eles se afeiçoam somente àquilo que é digno de afeto, e se seus sentimentos não estão elevados acima da proporção de sua importância [...] Penso ser minha obrigação elevar as emoções de meus ouvintes o mais alto possível, desde que tais sentimentos estejam vinculados a nada mais que a verdade, e que não estejam em desacordo com a natureza daquilo a que estão afeiçoados. Sei que durante muito tempo a moda foi desprezar pregações que fossem feitas de forma verdadeiramente honesta e emocional; e somente aqueles que exibiram maior extensão de

erudição, força de raciocínio, precisão de método e de linguagem é que foram considerados pregadores; mas penso, humildemente, que foi por falta de entendimento ou de consideração conveniente da natureza humana, que tal tipo de pregação foi considerada a mais para preencher os alvos da pregação; e as experiências do século presente e de séculos passados abundantemente confirmam a mesma coisa.<sup>4</sup>

Em nossos dias alguém provavelmente poderia perguntar a Edwards por que ele não coloca como alvo de suas pregações ações externas de amor e justiça, preferindo antes abordar os sentimentos do coração. A resposta é que ele faz do comportamento o seu alvo, para transformar a fonte das ações – os sentimentos. Ele escolhe esta estratégia por duas razões. Uma delas é o fato de que uma árvore boa não é capaz de produzir frutos maus. O parágrafo mais longo do livro, *A Treatise Concerning Religious Affections* (Tratado sobre as emoções religiosas) objetiva provar esta tese: “Sentimentos graciosos e santos têm seu exercício e fruto na prática cristã”.<sup>5</sup> Edwards tinha como alvo os sentimentos, porque são a fonte de todas as ações piedosas. Faça a árvore ser boa e o seu fruto será bom.

A outra razão pela qual Edwards almejava incitar santos afetos é que “nenhum fruto externo é bom, se não proceder do exercício de tais sentimentos”.<sup>6</sup> Atos externos de benevolência e piedade que não fluem de novos sentimentos do coração, dados por Deus, que se deleitam em depender de Deus e procuram a sua glória, são apenas legalismo e não possuem valor algum em honrar a Deus. Se você entrega seu corpo para ser queimado e não tiver amor, nada disto me aproveitaria (1Co 13.3).

Portanto, a boa pregação tem como alvo incitar emoções santas naqueles que ouvem. Seu alvo é o coração.

### Ilumine a mente

Sim, Edwards disse: “Nosso povo precisa muito mais ter o coração tocado do que armazenar conhecimento na mente, e o tipo de pregação de que mais precisa é aquele que provoca isto”.<sup>7</sup> Há, porém, um mundo de diferença entre a maneira pela qual Edwards procurava mover os corações de seu povo e a maneira pela qual pregadores de hoje, orientados psicologicamente, tentam mover seus ouvintes.

Edwards pregou um sermão, por ocasião da ordenação de um pastor, em 1.744, baseado no texto a respeito de João Batista: “João era uma candeia que queimava e irradiava luz” (João 5.35). Seu ponto principal é que um pregador precisa arder e alumiar. Precisa-se de calor no coração e luz na mente – e não maior calor do que o justificado pela luz:

Se um ministro tem luz sem calor, e entretém seu auditório com discursos eruditos, sem o sabor do poder da piedade, ou sem qualquer manifestação de fervor de espírito, de zelo por Deus e pelo bem das almas, ele pode gratificar os ouvidos de seu povo com coceira e encher sua mente com noções vazias; mas é muito provável que atinja com isto seus corações ou salve suas almas. E se, por outro lado, ele for impulsionado por um zelo ardente e excessivo, por um calor veemente, mas sem luz, ele provavelmente acenderá uma chama não santificada em seu povo, inflamando suas paixões e afeições corruptas; mas nunca os fará avançar, nem os conduzirá um passo em direção ao céu, mas os conduzirá rapidamente em direção oposta.<sup>8</sup>

Calor e luz; queimando e brilhando; é crucial levar luz à mente porque os sentimentos que não são provenientes de seu entendimento da verdade não são afetos santos. Por exemplo, Edwards diz: “Aquela fé, que está sem luz espiritual, não é a fé dos filhos da luz e do dia, mas sim a

presunção dos filhos das trevas. E, portanto, compeli-los e impeli-los a crer, sem qualquer luz ou visão espiritual favorece grandemente os enganos do príncipe das trevas”.<sup>9</sup>

Ele fala ainda mais energicamente quando afirma: “Suponha que as emoções religiosas das pessoas sejam realmente provenientes de uma forte persuasão da verdade da religião cristã; suas emoções só são boas, se forem provenientes de uma persuasão e convicção *razoáveis*. Chamo de convicção razoável aquela fundada numa *evidencia real* ou sobre uma boa razão ou base justa de convicção”.<sup>10</sup> Portanto, o bom pregador fará com que seu alvo seja dar a seus ouvintes “uma boa razão” e “uma base justa” para as emoções que ele está tentando encorajar. Edwards nunca poderá ser apresentado como exemplo de alguém que manipulava as emoções. Ele tratava seus ouvintes como criaturas de bom senso e procurava mover seus corações aplicando unicamente a luz da verdade às suas mentes.

Por esta razão, ele ensinava que era “muito proveitoso para ministros, em sua pregação, que se empenhassem clara e distintamente em explicar as doutrinas da religião e em elucidar as dificuldades que as acompanham, e fortalecê-las com a força da razão e da argumentação, e também em observar algum método fácil e claro, bem como ordem em seus discursos, para auxiliar o entendimento e a memória”.<sup>11</sup> O objetivo disto era iluminar a mente dos ouvintes com a verdade divina. O que Deus usou para avivar a Nova Inglaterra 250 anos passados foi uma combinação maravilhosa: calor e luz, queimando e brilhando; cabeça e coração; profunda doutrina e profundo deleite. Será que Deus não pode usar novamente estes meios hoje, enquanto procuramos iluminar a mente e inflamar o coração?

### Sature com as Escrituras

Afirmo que uma boa pregação é “saturada com as Escrituras” e não “baseada nas Escrituras”, pois as Escrituras são mais (e não menos) do que a base para uma boa pregação. A pregação que proclama a supremacia de Deus não começa com base nas Escrituras, e aí se desvia para outros assuntos. A verdadeira pregação *destila* as Escrituras.

Meu conselho contínuo para pregadores novatos é: “Cite o texto! Cite o texto! Repita as palavras do texto vez após vez. Mostre às pessoas de onde vêm suas idéias”. A maioria das pessoas não consegue seguir com muita facilidade as conexões que o pregador vê entre suas palavras e o texto. Precisam que você as mostre com freqüência, com citações reais das Escrituras. Edwards despendia grande energia, escrevendo passagens completas nos manuscritos dos seus sermões, para confirmar o que estava dizendo. Ele citava, por completo, cada verso que lançava luz sobre seu tema. Edwards considerava estes textos como âncoras, “raios de luz do Sol da justiça; eles são a luz pela qual os ministros devem ser iluminados, e a luz que devem segurar diante de seus ouvintes; são também o fogo pelo qual seus corações e os corações de seus ouvintes precisam ser inflamados”.<sup>12</sup>

Um dia, rememorando sua experiência pastoral inicial, Edwards mencionou que acima de outras experiências estava seu deleite no estudo das Sagradas Escrituras. “Muitas vezes, quando eu lia a Bíblia, parecia-me que cada palavra tocava meu coração. Sentia a harmonia entre alguma coisa em meu coração e aquelas palavras doces e poderosas. Parecia-me muitas vezes haver tanta luz em cada sentença, comunicando um alimento tão refrescante, que não era capaz de ir em frente na leitura; demorava-me muitas vezes por longos períodos num texto contemplando as maravilhas nele contidas, não obstante todos os textos parecerem cheios de maravilhas”.<sup>13</sup>

Devemos ter muito respeito pelo conhecimento de Edwards acerca das Escrituras, especialmente ao lembrarmos que ele estava familiarizado com a melhor erudição teológica, moral e psicológica de sua época. Como estudante, ele tomou esta resolução para toda vida: “*Decidido*. Estudarei as Escrituras tão perseverantemente, constantemente e freqüentemente, a ponto de verificar e, com clareza, perceber-me crescendo no conhecimento das mesmas”.<sup>14</sup> “Perseverantemente”, “constantemente”, “freqüentemente” – estas eram a fonte da abundância das Escrituras nos sermões de Edwards.

Ao estudar a Bíblia, ele costumava fazer centenas de anotações e procurava, depois, tanto quanto possível, seguir qualquer veia de discernimento. “Meu método de estudo, desde o começo do meu ministério, consiste em grande parte na escrita; aplico-me por meio dela, a desenvolver cada sugestão importante; persigo a pista com todas as minhas forças, quando qualquer coisa em minha leitura, meditação, ou conversação é sugerida à minha mente e parece prometer luz sobre qualquer ponto significativo; escrevo, então, minhas reflexões, sobre assuntos inumeráveis, para meu próprio benefício”.<sup>15</sup> Sua caneta era seu olho exegético. Como João Calvino (que afirmou isto na introdução à *Institutas da Religião Cristã*), ele aprendeu, enquanto escrevia e escrevia, enquanto aprendia. O que ele aprendeu por meio deste método faz com que a maioria de nossas meditações apressadas sobre as Escrituras pareçam muito superficiais.

Ler Edwards é ler a Bíblia através dos olhos de alguém que a entende profundamente e a sente com todo coração. Sua pregação era saturada das Escrituras. A nossa também deveria ser. Sigamos o conselho de Edwards para que sejamos “bons conhecedores de teologia, familiarizados com a Palavra de Deus [e] poderosos nas Escrituras”.<sup>16</sup>

### Empregue analogias e imagens

A experiência e as Escrituras nos revelam que o coração é tocado de forma poderosa, não quando a mente se encontra absorta em idéias abstratas, mas quando é preenchida com imagens vívidas da realidade estupenda. Edwards era, com toda certeza, um metafísico e um filósofo da mais elevada ordem. Ele acreditava na importância da teoria, mas também sabia que abstrações incitavam poucas emoções, e que novos sentimentos eram o alvo da pregação. Portanto, Edwards se esforçava em fazer com que as glórias do céu parecessem irresistivelmente belas e os tormentos do inferno, horrivelmente intoleráveis. A verdade teológica abstrata se tornava viva através de eventos e experiências comuns.

Sereno Dwight diz que “aqueles que estão familiarizados com os escritos de Edwards não precisam ser informados de que todos os seus escritos, mesmo os mais metafísicos, são ricos em ilustrações, ou de que seus sermões abundam com figuras de todos os tipos, adaptados para causar uma impressão poderosa e duradoura”.<sup>17</sup>

No seu sermão mais famoso, “Pecadores na mão de um Deus irado”, Edwards faz referência à frase: “o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso” (Ap 19.15). Ele diz: “As palavras aqui são excessivamente terríveis. Se ao menos tivesse sido escrito ‘a ira de Deus’, as palavras já implicariam aquilo que é infinitamente terrível; mas está escrito ‘o furor e a ira de Deus’”. A fúria de Deus! A ferocidade de Jeová! Oh, quão horrível isto deve ser! Quem é capaz de exprimir ou conceber o que tais expressões carregam em si?”.<sup>18</sup>

Aqui está o desafio que Edwards faz a todo pregador da Palavra de Deus. Quem é capaz de achar imagens e analogias que sejam eficazes para produzir, o máximo possível, os sentimentos profundos que devemos ter, ao considerarmos

realidades como inferno e céu? Não nos atrevamos a criticar as imagens de Edwards do inferno, a menos que estejamos preparados para criticar a Bíblia. Isto porque, em sua própria opinião (e, sinceramente, penso que ele estava certo), Edwards estava somente procurando uma linguagem que pudesse chegar perto de quaisquer das realidades tremendas contidas nas frases bíblicas como “o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso”.

Hoje em dia fazemos exatamente o oposto. Procuramos falar do inferno com evasivas e criamos imagens que se afastam tanto quanto possível do horror das frases bíblicas. Como resultado, em parte, nossas tentativas de fazer o céu parecer atraente e a graça parecer maravilhosa são, com frequência, extremamente deploráveis. Seria bom se labutássemos como Edwards para acharmos imagens e analogias que produzissem impressões reais em nosso povo.

Mas não eram só o céu e o inferno que impulsionavam Edwards a achar analogias e imagens. Ele usou a analogia de um cirurgião com um bisturi, para explicar alguns tipos de pregação. Usou a similaridade que existe entre um embrião humano e um embrião animal, para mostrar que, na conversão, uma vida nova com todas as suas emoções pode estar presente, mas ainda não se mostra plenamente distinta do não-regenerado. Comparou o coração puro e suas impurezas remanescentes a um tonel de licor fermentando, tentando limpar-se de todos os sedimentos. E ele viu a santidade na alma como um jardim de Deus, com toda sorte de flores apazíveis. Seus sermões abundam em imagens e analogias, para dar luz ao entendimento e calor aos sentimentos.

### Use ameaça e advertências

Edwards conhecia seu inferno, mas conhecia seu céu ainda melhor. Recordo vividamente as noites de inverno,

durante a época em que fiz pós-graduação, quando minha esposa Noël e eu sentávamos em nosso sofá, em Munich, Alemanha, lendo juntos o sermão de Edwards: “O céu é um mundo de amor.” Que visão magnífica! Certamente, se a congregação encontrasse a nós, pregadores, descrevendo tais retratos da glória e nos visse suspirando por Deus como Edwards fazia, teríamos um novo avivamento em nossas igrejas.

Mas aqueles que mais profundamente amam o céu, mais intensamente estremecem pelos horrores do inferno. Edwards estava totalmente persuadido de que o inferno era real. “Esta doutrina realmente é terrível e horrível, contudo é de Deus”.<sup>19</sup> Por este motivo, ele considerava as ameaças de Jesus como tons estridentes do amor. “E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno” (Mt 5.22). “Te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno” (Mt 5.30). “Antes, tenham medo daquele que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno” (Mt 10.28). Edwards não podia ficar em silêncio onde Jesus havia sido tão franco. O inferno está à espera de todas as pessoas não-convertidas. O amor deve adverti-los com as ameaças vindas do Senhor.

O uso de ameaças e advertências na pregação aos santos é raro hoje em dia por, pelo menos, duas razões. Primeira, porque produz culpa e medo, que são considerados improdutivos, e segunda, porque parece teologicamente inapropriado, já que os santos estão seguros e não precisam ser alertados ou ameaçados. Edwards rejeitava ambas as razões. Quando medo e culpa correspondem à realidade, alertar os santos é aceitável e amoroso. E os santos só estão seguros, à medida que estejam dispostos a dar atenção aos avisos bíblicos e a perseverar na piedade. “Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia!” (1Co 10.12).

Edwards disse que Deus estabeleceu as coisas na Igreja de tal maneira “que, quando seu amor define [...], o pavor deve surgir. Por conseguinte, precisam do medo para restringi-los do pecado, [e para] animá-los a ansiar pelo bem de suas almas. Mas Deus assim ordenou que, ao surgir o amor [...], o medo deve desaparecer e ser lançado fora”.<sup>20</sup>

Por um lado Edwards diz: “A ira de Deus e sua punição são apresentadas a todos os tipos de homens, como razão à [...] obediência, não somente para os maus, mas também para os piedosos”.<sup>21</sup> Por outro lado, ele afirma que o amor santo e a esperança são mais eficazes para tornar o coração sensível e enchê-lo de horror ao pecado do que o medo escravizador do inferno.<sup>22</sup> Pregador sobre o inferno nunca é um fim em si mesmo. Você não pode assustar alguém e fazer com que corra para o céu. O céu é para as pessoas que amam a pureza, e não para aquelas que simplesmente detestam a dor. Não obstante, Edwards afirma: “Alguns falam sobre isto, como se fosse algo irracional pensar em espantar as pessoas para o céu; mas acho razoável empenhar-se em mandar as pessoas para longe do inferno; é justo meter medo em uma pessoa, para fazê-la sair de uma casa em chamas”.<sup>23</sup>

Portanto, a boa pregação inclui mensagens bíblicas de advertência às congregações dos santos, como Paulo fez, quando disse aos gálatas: “Eu os advirto [...] Aqueles que praticam estas coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5.21), ou quando disse: “Não se orgulhe, mas tema” (Rm 11.20). Pedro acrescentou: “Uma vez que vocês chamam Pai aquele que julga imparcialmente as obras de cada um, portem-se com temor durante a jornada terrena de vocês” (1Pe 1.7). Admoestações como estas são tons sombrios que ajudam uma boa pregação a expor com cores profundas as promessas e as figuras grandiosas do céu, como Paulo fez, quando disse aos efésios que nos séculos futuros Deus irá

mostrar “a incomparável riqueza de sua graça, demonstrada em sua bondade para conosco, em Cristo Jesus” (Ef 2.7).

### Peça uma resposta

Pode um calvinista como Edwards realmente pleitear com as pessoas para que fujam do inferno e nutram esperanças de irem para o céu? Será que a depravação total, a eleição incondicional e a graça irresistível não fazem com que este tipo de apelo se torne inconsistente?

Edwards aprendeu seu Calvinismo na Bíblia e, portanto, foi poupado de muitos erros nos quais outros pregadores de seus dias caíram. Ele não inferiu que a eleição incondicional, a graça irresistível, a regeneração sobrenatural ou a inabilidade do homem natural levam à conclusão de que o uso de apelo seja inapropriado. Ele diz: “Os pecadores [...] devem ser fervorosamente convidados a aceitar o Salvador e a render seus corações a ele, com todos os argumentos atraentes, encorajadores [...] que o Evangelho proporciona”.<sup>24</sup>

Lembro-me de ouvir um pregador na tradição reformada, há vários anos, pregar com base em 1Coríntios 16 que termina em terrível ameaça: “Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado” (v. 22). Ele fez uma rápida referência a esta advertência, mas não expressou desejo ardente ou súplica ao povo para que amasse a Cristo e assim escapasse da terrível maldição. Fiquei admirado com aquilo. Afirma uma tradição do hiper-calvinismo que o propósito de Deus de salvar somente os eleitos dá aos pregadores autorização para convidar a Cristo somente aqueles que demonstram evidências de que já estão vivificados e atraídos pelo Espírito. Isto cria um tipo de pregação que informa, mas não pleiteia com os pecadores para que se arrependam. Edwards, bem como Charles Spurgeon depois dele, sabia que isto não era o Calvinismo autêntico; era contrário às Escrituras e indigno da tradição reformada.

Para dizer a verdade, Edwards escreveu *The Freedom of Will* [A Liberdade da Vontade] para mostrar que “o governo moral de Deus sobre a humanidade, o seu tratamento para com os homens como agentes morais, fazendo deles o objeto de seus mandamentos, conselhos, chamados, advertências, repreensões, promessas, ameaças, recompensas e punições, não contradizem a disposição determinada [da parte de Deus] de todos os eventos, de todo tipo, por todo universo”.<sup>25</sup> Em outras palavras, rogar aos nossos ouvintes que reajam à nossa pregação não está em desacordo com a sublime doutrina da soberania de Deus.

• Quando pregamos, na verdade, é Deus quem assume os resultados pelos quais esperamos. Mas isto não descarta apelos honestos para que nosso povo reaja. Pois como Edwards explica,

“Não somos meramente passivos, nem Deus faz alguma coisa e nós, o resto. Deus faz tudo, e nós fazemos tudo. Deus fornece tudo, e nós desempenhamos tudo. Porque é isto que ele produz, a saber, nossas próprias ações. Deus é o único autor e fonte apropriados; somos somente os agentes adequados. Somos, sob diferentes pontos de vista, totalmente passivos e totalmente ativos.

Nas Escrituras as mesmas coisas são representadas tanto como sendo de Deus quanto sendo nossas. Está dito que Deus converte (2Tm 2.25), e é dito ao homem que se converta e mude (At 2.38). Deus faz um coração novo (Ez 36.26), e de nós é requerido que criemos um novo coração (Ez 18.31). Deus circuncida o coração (Dt 30.6), e nós somos requisitados a circuncidar os nossos próprios corações (Dt 10.16) [...] Estas coisas estão em harmonia com aquele texto: “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar” (Fp 2.13).<sup>26</sup>

Portanto, em suas mensagens, Edwards apelava aos seus ouvintes que respondessem à Palavra de Deus para serem

salvos. “Nestas circunstâncias, se você é prudente em relação a sua própria salvação e não deseja ir para o inferno, aproveite este tempo! Agora é o tempo aceitável! Agora é o tempo da salvação [...] não endureça o seu coração em dias como estes!”.<sup>27</sup> Quase todos os sermões de Edwards têm uma grande parte final chamada “aplicação”, na qual ele parafusa na mente dos ouvintes as implicações da doutrina que foi exposta e preme por uma resposta. Ele não fazia os tipos de apelos que se faz hoje, como os apelos para vir à frente, mas ele “apelava” e advertia e pleiteava com o seu povo, para que respondesse a Deus.

Portanto, parece que Deus se compraz em conceder poder avivador àquela pregação que não omite as suas ameaças amáveis e que concede, generosamente, aos santos promessas incomparáveis da graça, e apela apaixonada e amavelmente para que nenhum deles escute a Palavra de Deus em vão. É uma tragédia ver pastores expor os fatos bíblicos e em seguida se sentarem. A boa pregação apela ao povo para que responda à Palavra de Deus.

### Sonde as operações do coração

A pregação poderosa é como uma cirurgia. Sob a unção do Espírito Santo, ela localiza, perfura e remove a infecção do pecado. Severo Dwight, um dos primeiros biógrafos de Edwards, disse a seu respeito: “Seu conhecimento do coração humano e das suas operações raramente tem sido igualado por um pregador que não é inspirado”.<sup>28</sup> Minha própria experiência como paciente na mesa de operação de Edwards confirma este julgamento.

Edwards não adquiriu tal conhecimento profundo do coração humano, fazendo visitas sociais aos membros da Igreja de Northampton. Dwight disse nunca ter conhecido um homem que tão constantemente se isolasse do mundo, a fim de se dedicar à leitura e à contemplação. Seu conheci-

mento do coração humano pode ter começado com uma inclinação tipicamente puritana, em direção à introspecção. No dia 30 de julho de 1.723, aos 19 anos de idade, Edwards escreveu em seu diário: “Decidi empenhar-me em cumprir meus deveres, perscrutando e procurando por todas as verdadeiras razões pelas quais não os faço, e procurando minuciosamente todos os subterfúgios de meus pensamentos”.<sup>29</sup> Uma semana depois, escreveu: “Estou extremamente convencido da extraordinária capacidade do coração de enganar, e como [...] a concupiscência cega a mente de forma excessiva, e a leva em completa sujeição”.<sup>30</sup> Portanto, Dwight está indubitavelmente correto, quando diz que muito da compreensão clara que Edwards possuía da natureza íntima do coração humano veio “da sua completa familiaridade com seu próprio coração”.<sup>31</sup>

O segundo elemento que deu a Edwards tal discernimento profundo acerca do funcionamento do coração foi a necessidade de classificar o trigo e o joio nas experiências religiosas intensas, durante o Grande Avivamento. Sua obra *Treatise Concerning Religious Affections* (Tratado Sobre os Sentimentos Religiosos), que ele originalmente pregou como sermões nos anos de 1.742 e 1.743, é uma exposição devastadora do auto-engano na religião. Edwards sonda implacavelmente, até chegar à raiz de nossa depravação. Este tipo de exame contínuo e cuidadoso das experiências religiosas de seu povo deu a Edwards uma compreensão notável do funcionamento de seus corações.

A terceira causa do vasto conhecimento de Edwards acerca do coração humano era seu discernimento extraordinário do testemunho de Deus nas Escrituras, com respeito ao coração humano. Por exemplo, ele nota em Gálatas 4.15 que a experiência religiosa dos gálatas tinha sido tão intensa que eles teriam arrancado seus olhos para doá-los ao apóstolo Paulo. Mas em seguida Edwards também

nota no verso 11 daquele capítulo que Paulo afirma que ele pode ter “trabalhado em vão para convosco”. Isto faz com que Edwards conclua inteligentemente que a altura e a intensidade das emoções religiosas (prontidão em arrancar fora os olhos) não são sinais seguros de que são genuínas (visto que seu labor pode ter sido em vão).<sup>32</sup> Esta qualidade de estudos, por anos a fio, produz, neste profundo cirurgião de almas, uma pregação que expõe os segredos do coração. Isto levou a igreja a um grande avivamento por mais de uma vez.

Edwards afirma que todo ministro da Palavra “deve estar familiarizado com a religião experimental, e não ser ignorante das operações internas do Espírito de Deus, nem dos estratagemas de Satanás”.<sup>33</sup> Frequentemente, ao ler os sermões de Edwards, tenho a profunda experiência de me ver desnudado. Os segredos do meu coração são arrancados como que por um arado. As obras enganosas do meu coração são expostas. A beleza potencial de novos sentimentos torna-se atraente. Percebo que começam a criar raízes mesmo enquanto estou lendo.

Edwards, novamente, compara o pregador a um cirurgião: “Acusar um ministro por declarar a verdade àqueles que estão sob avivamento, e por não administrar o conforto imediato aos mesmos, é a mesma coisa que incriminar um cirurgião por ter começado a enfiar seu bisturi, com o qual faz seu paciente passar por grande dor [...] por não parar sua mão, mas continuar a enfiá-la mais profundamente, até que chegue ao âmago da ferida. O médico compassivo que, logo que seu paciente começa a reclamar, retira sua mão [...] é um médico que cura a ferida superficialmente, clamando: ‘Paz, paz, quando não há paz’”.<sup>34</sup> Esta analogia do cirurgião e do bisturi é realmente adequada à pregação de Edwards. Não gostamos de deitar nus na mesa e não queremos ser cortados, mas, oh, que

alegria ter o câncer removido! Por esta razão, uma boa pregação, como uma boa cirurgia, sonda as obras do coração humano.

### Submeta-se ao Espírito Santo em oração

Em 1.735 Edwards pregou o sermão “O Altíssimo, um Deus que escuta orações”. Nesta pregação ele afirma: “Aprouve a Deus colocar a oração como antecedente da concessão da misericórdia; e aprove-lhe também conceder misericórdia, em conseqüência à oração, como se ele fosse persuadido pela oração”.<sup>35</sup> O alvo da pregação depende totalmente da misericórdia de Deus para seu cumprimento. O pregador, portanto, deve labutar para colocar sua pregação sob a influência divina pela oração.

É por este meio que o Espírito Santo assiste o pregador. Mas Edwards não acreditava que a assistência viria em forma de palavras que fossem sugeridas diretamente à mente. Se a assistência do Espírito se resumisse nisto somente, o pregador poderia ser um demônio, e ainda assim realizar o seu trabalho. Não, o Espírito Santo enche o coração com sentimentos santos e o coração enche a boca. “Quando uma pessoa tem uma disposição de espírito santa e viva em oração, isto o supre maravilhosamente com conteúdo e expressões [...] (na) pregação”.<sup>36</sup>

Edwards aconselha os ministros jovens de seu tempo com as seguintes palavras: “Para que sejam luzes queimando e brilhando, devem andar perto de Deus e permanecer próximos a Cristo, para que possam ser iluminados e inflamados por ele. E precisam buscar muito a Deus, que é a fonte de luz e amor, e conviver com ele em oração”.<sup>37</sup>

No princípio de seu próprio ministério, ele disse: “Eu gastava boa parte do meu tempo, meditando sobre temas teológicos, ano após ano; muitas vezes andava sozinho pelos bosques e por lugares solitários, para meditação, monólogo,

oração e conversa com Deus; e sempre foi meu costume, em horas como estas, cantar minhas contemplações. Estava quase que constantemente orando em exclamações curtas, onde quer que estivesse. A oração parecia natural para mim, era a expressão pela qual as chamadas íntimas de meu coração tinham escape”.<sup>38</sup>

Além da oração individual, Edwards se envolveu com um movimento de oração mais extenso, que estava ocorrendo em seus dias e espalhando-se pela Escócia. Escreveu o trabalho, intitulado *Uma tentativa humilde de promover harmonia sincera e união visível do povo de Deus em oração extraordinária, para o reavivamento da fé e o avanço do Reino de Cristo na terra*.<sup>39</sup> A oração particular do pregador e a união das orações dentre o povo cooperaram na misericórdia de Deus para trazer dos céus a demonstração do Espírito e de poder.

A boa pregação nasce de boa oração. E tal pregação vem com o poder que causou o Grande Avivamento, quando é feita sob a poderosa influência do Espírito Santo, trabalhada pela oração.

### **Tenha um coração quebrantado e compassivo**

Uma boa pregação procede de um espírito quebrantado e dócil. Apesar de toda sua autoridade e poder, Jesus era cativante, pois era “manso e humilde de coração”. Isto o tornava um lugar de descanso (Mt 11.28-29). “Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9.36). Há, no pregador cheio do Espírito, um afeto terno que adoça todas as promessas e suaviza com lágrimas toda a advertência e repreensão. “Embora, como apóstolos de Cristo, pudéssemos ter sido um peso, tornamo-nos bondosos entre vocês, como uma mãe que cuida dos próprios filhos. Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-

lhes não somente o evangelho de Deus, mas também nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós” (1Ts 2.7-8).

Um dos segredos do poder de Edwards no púlpito era a ternura proveniente de seu coração quebrantado, com a qual ele podia tratar dos assuntos mais graves. Capturamos o aroma da sua conduta nas suas próprias palavras: “Todos os sentimentos graciosos [...] são sentimentos de um coração quebrantado. Um amor verdadeiramente cristão [...] é um amor humilde de um coração quebrantado. Os desejos dos santos, por mais fervorosos que sejam, são desejos humildes; sua esperança é uma esperança humilde; e sua alegria, mesmo sendo indescritível e cheia de glória, é uma felicidade humilde e vinda de um coração quebrantado, deixando o cristão ainda mais pobre em espírito, mais parecido com uma criança e mais disposto a uma humildade total de comportamento”.<sup>40</sup>

Poder espiritual genuíno no púlpito não é sinônimo de barulho. É pouco provável que corações endurecidos sejam quebrantados por sons agudos. Edwards estava persuadido pelas Escrituras que “sentimentos graciosos não tendem a deixar o homem audacioso, barulhento, e impetuoso; mas antes, com um falar trêmulo”.<sup>41</sup> O olhar da benção divina está sobre os mansos e tementes, conforme diz Isaías: “o homem para quem olharei (diz o Senhor) é este: o aflito e abatido de espírito e que treme minha palavra” (Is 66.2).

Por esta razão, Edwards afirma que os ministros do Evangelho precisam cultivar o espírito pacífico e manso de Cristo: “o mesmo espírito de perdão de injustiças; o mesmo espírito de misericórdia, de amor ardente e benevolência extensa; a mesma disposição de compadecer-se dos miseráveis, chorar com os que choram, ajudar as pessoas em suas calamidades, tanto da alma quanto do corpo, escutar e conceder os pedidos dos necessitados, e socorrer os aflitos;

o mesmo espírito condescendente para com os pobres e desprezíveis, ternura e bondade para com os fracos, e amor desmedido e eficaz para com os inimigos”.<sup>42</sup>

O espírito que desejamos ver nas pessoas deve estar primeiramente em nós. Isto, porém, como diz Edwards, nunca acontecerá antes de conhecermos o nosso próprio vazio, nossa própria impotência e nossa terrível pecaminosidade. Edwards viveu num tipo de oscilação, em forma de espiral, entre a humilhação que sentia por seus pecados e a exaltação que desfrutava em seu Salvador. Ele descreve sua experiência desta maneira: “Muitas vezes, durante meu tempo de vida nesta cidade, tenho tido intensas percepções de minha própria pecaminosidade e pequenez; muito freqüentemente, com tal intensidade, que me faz chorar em alta voz, às vezes por um tempo considerável; de tal maneira que muitas vezes tenho sido forçado a me trancar”.<sup>43</sup> Não é difícil imaginar a profundidade da honestidade que este tipo de experiência trouxe à pregação da Palavra de Deus.

Mas, é claro, uma pessoa só chega ao precipício do desespero, se ela se focalizar somente no pecado. Este não era o alvo de Edwards nem a sua experiência. Sua resposta à culpa tornou-a uma experiência evangélica intensa e libertadora: “Gosto de pensar em chegar-me a Cristo, receber a salvação dele, pobre em espírito e completamente vazio de mim mesmo, humildemente exaltando só a ele; inteiramente cortado de minha própria raiz, a fim de crescer em Cristo e a partir dele; tendo Deus em Cristo como meu tudo em todos”.<sup>44</sup> Esta é a supremacia de Deus na vida do pregador, que leva diretamente à supremacia de Deus na pregação.

A intensidade de Edwards, claramente, não era uma coisa rude e estrondosa e agressiva. O poder de Edwards não residia numa retórica floreada ou em estrondos que

arrebentavam os ouvidos. Nascia de sentimentos de um coração quebrantado.

Edwards foi descrito por Thomas Prince como “um pregador de voz moderada e baixa com uma maneira natural de falar; e sem nenhuma agitação do corpo, ou qualquer outra coisa que despertasse a atenção, exceto sua austeridade habitual, olhando e falando como que na presença de Deus”.<sup>45</sup> Edwards é um testemunho raro desta verdade: a pregação que torna Deus supremo provém de um espírito quebrantado e dócil.

### Seja Intenso

Uma pregação que compele os ouvintes produz a impressão de que algo grandioso está em jogo. Com a visão de Edwards sobre a realidade do céu e do inferno, e da necessidade de perseverar em uma vida de santos afetos e piedade, a eternidade estava em jogo todo domingo. Isto faz com que Edwards seja diferente do pregador comum de hoje. Nossa rejeição emocional ao inferno, nossa perspectiva fácil da conversão e a falsa segurança que fornecemos têm criado uma atmosfera na qual a grande intensidade bíblica no ato de pregar torna-se quase impossível.

Edwards acreditava tanto nas realidades das quais falava, e queria tanto que estas realidades afetassem profundamente a mente e as emoções de seu povo, que, quando George Whitefield pregou estas realidades, com poder, no púlpito da igreja de Edwards, este chorou durante todo o culto. Edwards não podia mais se imaginar falando de maneira fria, casual, indiferente ou leviana dos grandes feitos de Deus, da mesma forma que não conseguiria imaginar um pai falando friamente a respeito do desabamento de uma casa em chamas sobre os seus filhos (veja páginas 46-47).

A falta de intensidade na pregação só comunica que o

pregador não crê ou nunca foi seriamente dominado pela realidade da qual está falando – ou que o tema em questão é insignificante. Edwards vivia em contínuo temor do peso da verdade que era encarregado de proclamar.

Um contemporâneo disse que a eloquência de Edwards era “o poder de apresentar uma verdade importante diante de uma audiência com peso esmagador de argumentação, e com tamanha intensidade emocional, que toda a alma do orador se derramava em cada parte da elucidação e da aplicação, de maneira a prender a atenção de toda audiência, do começo ao fim, e deixar impressões que não podiam mais ser apagadas”.<sup>46</sup>

Horatius Bonar, em sua introdução à obra *Historical Collections of Accounts of Revival* (Coleção histórica de relatos de reavivamento) de John Gillies, descreve, em 1845 o tipo de pregadores que aprovou a Deus usar para avivar sua igreja, através dos séculos:

“Eles perceberam sua responsabilidade infinita como mordomos dos mistérios de Deus e pastores nomeados pelo Supremo Pastor, para congregar e zelar pelas almas. Eles viviam e labutavam e pregavam como homens de cujos lábios pendia a imortalidade de centenas de pessoas. Tudo o que faziam e falavam carregava o selo da seriedade, e eles proclamavam a todos com quem tinham contato que os assuntos dos quais haviam sido encarregados de tratar eram de importância infinita [...] Suas pregações parecem ter sido da espécie mais viril e destemida, caindo sobre a audiência com poder tremendo. Tais pregações não eram veementes, não eram impetuosas, não eram barulhentas; eram muito solenes para isto; eram compactas, convincentes, cortantes, penetrantes, mais cortantes que uma espada de dois gumes”.<sup>47</sup>

Assim foi com Jonathan Edwards há apenas 250 anos. Por preceito e exemplo, Edwards nos conclama a “uma

maneira muito afetuosa de pregar sobre as grandes coisas da fé” e fugir de uma “maneira moderada, morosa, indiferente de falar”.<sup>48</sup> Nós simplesmente devemos demonstrar, sem melodrama ou presunção, que a realidade oculta sob nossa mensagem é surpreendente.

Obviamente, para que isto aconteça, pressupõe-se que tenhamos visto o Deus de Jonathan Edwards. Se não compartilharmos a grandeza da sua visão de Deus, não iremos aproximar-nos da grandeza de sua pregação. Por outro lado, se Deus, em sua graça, abrir os nossos olhos para a visão de Edwards, e se nos permitir saborear a doce soberania do Todo-Poderoso como Edwards provou, então uma renovação do púlpito em nossos dias será possível – de fato, inevitável.

<sup>1</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:238.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 1:244. Ênfase adicionada.

<sup>3</sup> Edwards, *Selections*, xx.

<sup>4</sup> Jonathan Edwards, *Some Thoughts Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:387; veja também 4:399.

<sup>5</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:314.

<sup>6</sup> *Ibid.*, 1:243.

<sup>7</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:

<sup>8</sup> Edwards, “True Excellency”, in *Banner*, 2:958.

<sup>9</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:258.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 1:289. Ênfase adicionada.

<sup>11</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:386.

<sup>12</sup> Edwards, “True Excellency”, in *Banner*, 2:959.

<sup>13</sup> Edwards, “Personal Narrative”, in *Selections*, 65.

<sup>14</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:xxi.

<sup>15</sup> *Ibid.*, 1:clxxiv.

<sup>16</sup> Edwards, “True Excellency”, in *Banner*, 2:957.

<sup>17</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:clxxxviii.

<sup>18</sup> Jonathan Edwards, “Sinners in the Hands of an Angry God”, in *Banner*, 2:10.

- <sup>19</sup> Citado em John Gerstner, *Jonathan Edwards on Heaven and Hell* (Grands Rapids: Baker Book House, 1.980), 44. Este volume fornece uma excelente introdução às percepções equilibradas de Edwards sobre as glórias do céu e os horrores do inferno.
- <sup>20</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:259. A ênfase é de Edwards.
- <sup>21</sup> Edwards, *Perseverance*, in *Banner*, 2:596.
- <sup>22</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:308.
- <sup>23</sup> Jonathan Edwards, *The Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God*, in *Yale*, 4:248.
- <sup>24</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:391.
- <sup>25</sup> Edwards, *Freedom of the Will*, in *Banner*, 1:87.
- <sup>26</sup> Edwards, *Efficacious Grace*, in *Banner*, 2:557.
- <sup>27</sup> Edwards, "Pressing into the Kingdom", in *Banner*, 1:659.
- <sup>28</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:clxxxix.
- <sup>29</sup> *Ibid.*, 1:xxx.
- <sup>30</sup> *Ibid.*
- <sup>31</sup> *Ibid.*, 1:clxxxix.
- <sup>32</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:246.
- <sup>33</sup> Edwards, "True Excellency", in *Banner*, 2:957.
- <sup>34</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:390-91.
- <sup>35</sup> Jonathan Edwards, "The Most High, A Prayer-Hearing God", in *Banner*, 2:116.
- <sup>36</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:438.
- <sup>37</sup> Edwards, "True Excellency", in *Banner*, 2:960.
- <sup>38</sup> Edwards, "Personal Narrative", in *Selections*, 61.
- <sup>39</sup> Edwards, *An Humble Attempt*, in *Banner*, 2:278-312.
- <sup>40</sup> Edwards, *Religious Affections*, in *Banner*, 1:302.
- <sup>41</sup> *Ibid.*, 1:308.
- <sup>42</sup> Jonathan Edwards, "Christ the Example of Ministers", in *Banner*, 2:961.
- <sup>43</sup> Edwards, "Personal Narrative", in *Selections*, 69.
- <sup>44</sup> *Ibid.*, 67.
- <sup>45</sup> Citado em *Yale*, 4:72.
- <sup>46</sup> Dwight, *Memoirs*, in *Banner*, 1:cxc.
- <sup>47</sup> Horatius Bonar, "Preface", in John Gillies, *Historical Collections of Accounts of Revival*, (1.845, reimpressão Edinburgh: Banner of Truth, 1.981), vi.
- <sup>48</sup> Edwards, *Concerning the Revival*, in *Yale*, 4:386.

Há pessoas famintas da majestade de Deus, e a grande maioria delas não sabe. Aqueles que sabem, dizem: "Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água" (Sl 63:1). Porém, muitos não discernem que foram feitos para ficar extasiados diante do poder e da glória de Deus. Procuram preencher esta lacuna de outras maneiras. E até mesmo aqueles que vão à igreja – quantos deles são capazes de dizer, quando deixam o templo: "Contemplei-te no santuário, para ver a tua força e a tua glória" (Sl 63:2)?

A glória de Deus é de valor infinito. É o coração daquilo que os apóstolos pregavam: "a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2Co 4:6). É o alvo de tudo aquilo que o cristão faz: "quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Co 10:31). É o foco de toda esperança cristã: "E nos gloriamos na esperança da glória de Deus" (Rm 5:2). Qualquer dia ela irá substituir o sol e a lua como a luz da vida: "A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina" (Ap 21:23). E

mesmo agora, antes daquele grande dia, “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19:1). Quando as pessoas descobrem o valor da glória de Deus – quando Deus diz: “Haja luz”, e abre os olhos dos cegos – eles são como pessoas que acham um tesouro escondido num campo e, cheias de júbilo, vendem tudo o que possuem para comprá-lo. São como Moisés, que clamou ao Senhor: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Ex 33:18).

Este é a ânsia do coração de cada ser humano. Somente poucos sabem disto. Somente poucos diagnosticam a ânsia sob cada anelo humano – o anseio de ver a Deus. Se as pessoas tão somente pudessem articular o clamor silencioso de seus corações, não diriam: “Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei [...] contemplar a beleza do Senhor [...]” (Sl 27:4)? Mas, em lugar disto, a verdade é detida pela injustiça, e pessoas não entendem que é necessário conhecer a Deus; e até mesmo muitos que mencionam o Deus de Israel “trocaram a sua Glória por aquilo que é de nenhum proveito” (Rm 1:18,28; Jr 2:11).

Os pregadores cristãos, mais do que todos, precisam saber que as pessoas estão famintas de Deus. Se existe no mundo alguém capaz de dizer: “eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória” (Sl 63:2), esse alguém é o mensageiro de Deus. Quem, exceto os pregadores, poderá olhar a terra devastada pela cultura secular e dizer: “Olhe para seu Deus!”? Quem dirá ao povo que Deus é grande e digno de louvor? Quem pintará para eles o panorama de sua majestade? Quem os lembrará, com relatos surpreendentes, de que Deus tem triunfado sobre todo inimigo? Quem clamará acima de cada crise: “Teu Deus reina!”? Quem labutará para achar palavras que possam transmitir o “evangelho da glória do Deus bendito”?

Se Deus não for supremo na nossa pregação, onde, neste mundo, o povo irá ouvir sobre a supremacia de Deus? Se

não oferecermos um banquete da beleza de Deus aos domingos, nosso povo irá procurar, em vão, satisfazer seu anseio inconsolável com os prazeres e passatempos, que são como bombons, pois em nada alimentam a alma, e com o logro religioso. Se a fonte de águas vivas não fluir do monte da graça soberana de Deus, aos domingos, o povo cavará para si cisternas na segunda-feira, cisternas rachadas, que não retêm as águas (Jr 2:13).

Fomos chamados para sermos “encarregados dos mistérios de Deus” (1Co 4:1). E o grande mistério é “Cristo em vocês, a esperança da glória” (Cl 1:27). E esta glória é a glória de Deus. “O que se requer destes encarregados é que demonstrem fidelidade” – fidelidade em magnificar a glória suprema do Único Deus eterno, não como um microscópio que faz as coisas pequenas parecerem grandes, mas como um telescópio, que torna visíveis aos olhos humanos galáxias imensas, inimagináveis, de glória.

Se amarmos nosso povo, se amar as “outras ovelhas” que ainda não se encontram arrebanhadas no aprisco, se amar o cumprimento do propósito global de Deus, iremos labutar para “preparar uma mesa no deserto”. Em todos os lugares há pessoas famintas de satisfação em Deus. Pois, como disse Jonathan Edwards, “o prazer em Deus é a única felicidade com o qual nossas almas podem ser satisfeitas”.